

EUARISTO Lima
REPRESENTAÇÃO DE PORTUGAL, Lda
 Fornecemos e montamos todo o tipo de
Coberturas Metálicas Auto-Portantes
BLOCOTELHA E INTERTELHA

Av. Luis de Camões, 14
 9600-563 RIBEIRA GRANDE
 Telef. 296.470160
 Fax 296.470165
 e-mail: evlima@mail.telepac.pt

Peça-nos orçamentos

Eleições Legislativas

A Ribeira Grande precisa...



Medeiros Ferreira

compromete-se a exercer “magistério de influência”...



... e Victor Cruz

reconhece que “a Ribeira Grande não tem tido a atenção que merece pelo Governo da República”.

Mário Moura / Hermano Teodoro **PÁG. 6 e 7**



Fotografia: Ricardo Rodrigues

Suplemento Romeiros

O Fuseirinho



A Primavera está aí a chegar e, para comemorar a sua vinda, *O Fuseirinho* tem para ti poemas, muitos desenhos e passatempos espectaculares. De que é que estás à espera para ler *O Fuseirinho*?

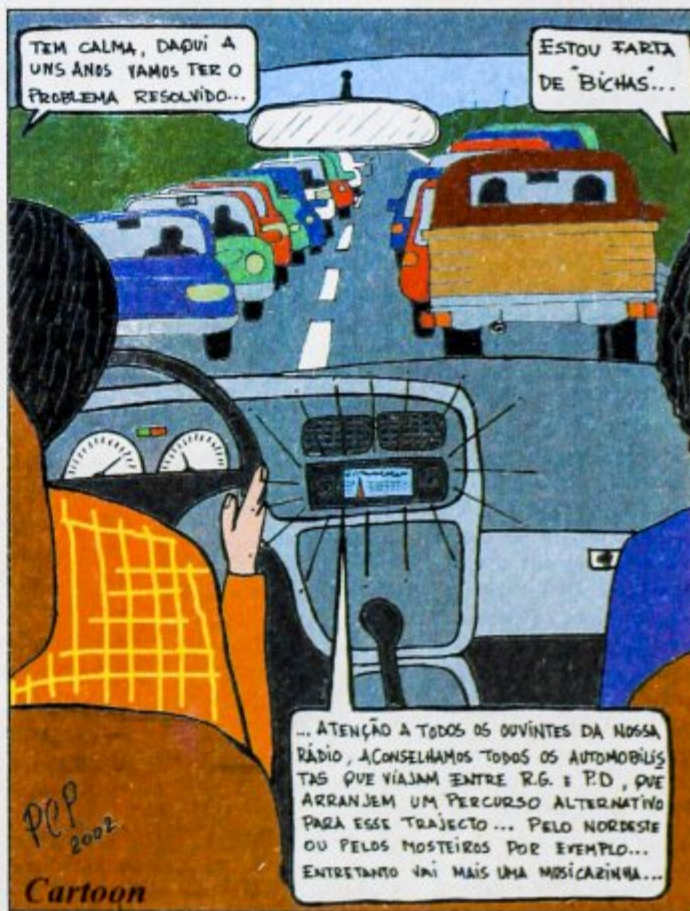
Perfil

Carlos Miranda

O fascínio do cinema



Hermano Teodoro **PÁG. 8**



RUI & GASTÃO, LDA.
 Praceta da Pranchinha, Nº20
 Telef. 296 304 900 - Fax 296 304 919
 2000 9500 Ponta Delgada



YARIS

Crie a sua história

Editorial

oliveiramoura@mail.pt

1. Dois Contrastes e dois Ses: uma Assembleia Municipal

Reconheça-se, na defesa de causas da Ilha Terceira, a Assembleia Municipal de Angra do Heroísmo deu-nos uma rara lição de consciência cívica (*'Terceira está a perder peso político'*, *Correio das Ações*, 04.01.02). Concorde-se ou não com elas. Aurélio da Fonseca, social-democrata, Melo Alves, CDS/PP e Cunha de Oliveira, PS, censuraram com amável veemência o Governo Regional de concentrar infra-estruturas regionais na ilha de São Miguel, em detrimento da sua, e instaram-no a cumprir promessas. Infra-estruturas, presume-se, a partilhar, como tem sido prática naquela ilha, por ambas as Cidades da Ilha Terceira.

Como resposta, Jorge Nascimento Cabral, além de outras considerações que não interessam ao presente texto, alega algo que, como diria Rudyard Kipling ao referir-se à missão do *Homem Britânico*, poderá ser designado por *'fardo do Homem Micaelense'*, o qual, em nome do superior ideal de unidade e de desenvolvimento harmónico dos Açores, terá, sem que lhe reconheçam o gesto de generosidade, sacrificado o seu próprio desenvolvimento (*'Dois Pesos e duas medidas'*, *Diário dos Açores*, 11.01.02).

O implícito leva-nos a sublinhar 'dois contrastes':

- Os interesses estratégicos da ilha Terceira são algumas vezes partilhados pelas duas Cidades daquela ilha, por contraste, os da ilha de São Miguel, quando são defendidos pela Assembleia Municipal de Ponta Delgada, ou pelos órgãos de soberania Nacional e Regional, nunca são partilháveis pela outra Cidade da ilha;

- Os legítimos interesses defendidos pela Assembleia Municipal de Angra do Heroísmo, ao que parece, no essencial, quase sempre reúnem o consenso de todas as bancadas parlamentares, por contraste, os justos interesses da Ribeira Grande, na sua Assembleia Municipal, quer no essencial quer no acessório, quase nunca reúnem consenso.

E destes à formulação de dois 'ses':

- Se uma ilha que possui duas vezes e meia menos população do que a de São Miguel, que é muito menor em extensão territorial e produz muito menos do que esta última, etc., vê vantagem em que ambas as Cidades partilhem infra-estruturas regionais, por que não há-de a de São Miguel, que tem mais da metade da população regional, a braços com gravíssimos problemas de assimetria entre o Norte e o Sul da ilha, dos da própria Cidade e Concelho de Ponta Delgada, dos do Concelho e da Cidade de Ribeira Grande, dos do Nascente e do Poente da ilha, ver a mesma vantagem?

- Se o alegado *'fardo do Homem Micaelense'* é repartido fraternalmente por toda a ilha de São Miguel, ou se o do *'Homem Pontadelgadense'*, investido na missão de motor de desenvolvimento, esquecido da *carroçaria* e do *estaleiro*, a Ribeira Grande, com as desvantagens superiores aos proveitos que tal relação desigual proporciona a esta última, e a toda a ilha em geral, é menos ou mais pesado?

2. Lição de esperança: Bombeiros Voluntários de Ribeira Grande

Ao longo do nosso lento e, dadas as circunstâncias, compreensível declínio, por culpa nossa e alheia, a que se assiste nos últimos anos a uma lenta e frouxa recuperação, uma instituição soube manter intactos a sua influência e prestígio: os Bombeiros Voluntários de Ribeira Grande, primeira instituição no género fundada no arquipélago dos Açores (veja-se obra da autoria do Engenheiro Armindo Moreira da Silva). Sem esquecermos o papel relevante das Santa Casa de Misericórdia, da Cidade e da Maia, das Casa do Povo, da Cidade e Rabo de Peixe, dos Lares de 3.ª Idade e de Jovens e das Escolas da Cidade e do Concelho.

Vem isto a propósito do anúncio de lançamento público do concurso internacional para a construção do novo quartel. Vem ainda a propósito da exemplar e eficiente atitude da Direcção vigente, sintetizada na figura do seu actual Presidente, Sr. Viriato Madeira, e de todos os anteriores e actuais corpos dirigentes, que têm prudentemente posto os interesses da Associação antes de quaisquer outros, partidários ou quejandos, com os resultados que todos reconhecem: inquestionavelmente a melhor das Associações congéneres no arquipélago e das melhores do país e da Europa. Espera-se que Carlos César, como prometeu, mal se inaugurem as novas instalações, faça transferir duas Direcções Regionais para as antigas instalações. Bem hajam todos os daquela corporação, que ao longo dos anos têm não só aguentado o *barco* como projectado o nosso nome além fronteiras.

Oliveira Moura 3



Caixa do Correio

Louis Teixeira

O Jornal está bem pensado e bem elaborado. Melhor seria se sáísse com mais frequência, talvez quinzenalmente.

Um abraço para todos os Ribeiragrândenses, com muita amizade.
Ontario, Canada

Manuel Fernandes

Como fustigeiro ferrenho, adorei e apoiei a ideia desde o início de todo o projecto. Estava mais do que na hora de termos uma voz "cibernética" que chegasse a TODO o lado. Àqueles que lêem esta mensagem faço o apelo: colaborem com esta iniciativa. Vale a pena, pela Ribeira Grande.

Ribeira Grande

José António Motta Faria Pacheco

É de saudar que finalmente tenha acontecido a publicação de um jornal num concelho deveras carente de informação!

Ainda mais por ser um jornal organizado por gente do concelho e para o concelho!

Já era sem tempo!

Apresento desde já os meus sinceros Parabéns e disponibilizo-me para eventual colaboração se assim o desejarem!

Leicestershire, Inglaterra

Maria S.

Sou da Ribeira Grande, mas não percebo por que razão tenho de me deslocar por tudo e por nada ao Hospital de Ponta Delgada, quando até

há pouco o fazia no nosso. Alguém é capaz de me explicar porquê?
Ribeira Grande

J. Pacheco

Senhor Director

Não tendo o Director-Adjunto do Diário dos Açores se dignado a responder ao seu Editorial do mês de Janeiro, demonstrou dupla desconsideração para com os ribeiragrândenses. Primeiro, porque ao ter escrito o que escreveu, considera-nos inaptos e esbanjadores. Segundo, porque não respondendo ao repto, além de ser uma nota de má-educação, nos privou da sua resposta.

Nós aqui lemos com atenção os jornais de Ponta Delgada, lemos como se se tratasse de ouvir opinião, por que não hão-de fazer o mesmo connosco?

Sabe o seu jornal é tido muito em conta aqui.

J. Simas

Foi com grande satisfação que, navegando na net, encontrei este Jornal da Ribeira Grande. A iniciativa é de louvar, assim como qualquer outra que venha a enriquecer a nossa Cidade.

Para mim, ribeiragrândense vivendo no Canada, é uma forma de estar mais perto daquilo que se passa na minha Cidade. Vamos continuar a trabalhar para conseguirmos mais e melhor.

Os meus parabéns a todos aqueles que tornam possível este jornal.

Brantford, Ontario, Canada

Plantas Usadas na Medicina Popular (9)

Erva-das-Verrugas



As propriedades medicinais da Erva-das-Verrugas já eram conhecidas pelos médicos da Antiguidade que a usavam para as doenças dos olhos. Por seu turno, na Idade Média, os alquimistas consideravam-na um dom do céu. De acordo com Silvano Pereira (1953), o látex (amarelo) da erva-das-vevugas era utilizado "nos golpes e feridas recentes, como antisséptico e cicatrizante". No Pico da Pedra, em 1992, a planta, que é conhecida

naquela freguesia por erva-tintureira, era usada em "arranhões e feridas ligeiras". De acordo com a pessoa inquirida, "apanha-se a erva, parte-se o talo e põe-se na ferida".

Família - Papaveraceae

Nome científico - *Chelidonium majus*

Outras designações - Erva-andorinha, quelidónia, celidónia.

Identificação - Erva vivaz, com caule ramoso cilíndrico, com folhas verde-claras lobadas, como as do carvalho, e flores amarelo-douradas.

A erva-das-vevugas é muito frequente em solos frescos, entulhos e em muros.



Utilização - De acordo com o Dr. Oliveira Feijão (1986) a erva-das-vevugas é usada na asma, angina de peito, hipertonia gástrica, gota, hidropisias, icterícia... e externamente contra as verrugas e os calos.

sua ingestão fresca ou seca, excepto por prescrição médica. Do mesmo modo, não deve ser aplicada em chagas.

Esta planta, tal como muitas outras, deverá ser utilizada com o máximo de cuidado. Assim, não é aconselhada a

Teófilo Braga 3

Ficha Técnica:

A Estrela Oriental

Jornal Mensal

Director: Oliveira Moura

Director-adjunto: Melo Teodoro

Colaboradores: António Valdemar, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Fátima Borges, Fernando Silva, João Teixeira, Luís Noronha, Nelson Tavares, Onésimo de Almeida, Pe. António Rocha, Pe. Edmundo Pacheco, Pedro Câmara Pereira, Teófilo de Braga, João Miguel Fernandes Jorge

Propriedade:

Cooperativa Mãe d'Água, C.R.L.
Sede: Centro Cultural de R. Grande

Publicidade: Luís Faria

Contacto: 919020517

Paginação: Francisco Veloso

Tratamento de Texto: Marília Dias, Carlos Arruda

Contribuinte N.º 512 060 398

Número de Registo: 123813

Apartado 6, 9600 Ribeira Grande

Correio electrónico: estrelaoriental@portugalmail.pt

Telm. 963560639

Depósito Legal N.º:166371/01

Impressão: Coingra

Parque Industrial de R. Grande

Tiragem 1500 exemplares

As próximas eleições legislativas



A política é uma coisa séria e as coisas sérias devem ser levadas a sério no caso de serem realmente sérias o que ainda está por provar. O que não quer dizer que em política as coisas sejam gravemente sérias porque nada na vida é assim tão grave que não permita misturar o riso com as lágrimas, o trágico com o cómico, o importante com o inútil ou irrisório; porque na vida humana tudo tem um preço mas a vida não tem preço e as coisas da vida como a vida em si mesma só têm o valor que cada um lhe dá. E a respeito da importância das coisas que importância terão as próximas eleições legislativas?

Parece que o P.S. perdeu a importância e que o P.S.D. ganhou aquela que o P.S. perdeu perante o país a avaliar pelo resultado das últimas eleições autárquicas; mas isso não significa que o P.S. seja pior,

melhor ou diferente do P.S.D.; significa apenas que o Ministério de Guterres se gastou politicamente e que chegou a hora de sair do "poleiro". Não me digam que Guterres saiu porque arruinou as finanças públicas, porque senão Cavaco Silva nunca teria saído do governo e é um "craque" em finanças e em "apertos de cinto". Saiu porque "apertou" demais e, como diz o povo, "quem muito aperta pouco arrocha", porque o povo se cansou dele e dos seus "apertos" assim como agora se cansou de Guterres e dos seus "buracos".

E como o mundo só acaba para os que vão morrendo, como a vida continua de qualquer maneira, para o bem ou para o mal, é muito natural que Portugal volte politicamente à direita nas próximas eleições. O braço do "Ferro" do P.S. talvez não tenha força para vergar o braço do "Durão" do P.S.D., quiçá aliado ao P.P. do Paulo Portas. O socialismo seria a panaceia para todos os males da sociedade se soubesse produzir tanto como aquilo que sabe distribuir e se as suas obras seguissem o trilho das suas ideias.

A nível da Região Autónoma dos Açores o P.S. gastou-se menos mas volta a ter o "Cruz" ou a "Cruz" do P.S.D. em cima

dele. As próximas legislativas serão para P.S. e P.S.D. Açores uma espécie de eleições regionais antecipadas.

Nada é seguro na vida como na política. Mota Amaral que para os açorianos é "O Santo Cristo" da política fartou-se do governo e fartou o povo com o tempo enquanto a governação de César viveu à custa das boas graças de Guterres.

Mas se, como se prevê, o poder mudar de mãos em Lisboa, se o país político, voltar à direita em Março, então César conhecerá um isolamento político que dificultará a preparação das eleições regionais pelo partido que lidera rumo a nova vitória. O braço de ferro é agora entre Victor Cruz e Carlos César; já começou, aliás, com a "deslocação" de Mota Amaral do 1º para o 2º lugar da lista de deputados do P.S.D. à Assembleia da República.

Vivemos um tempo de mudança, um tempo em que tudo muda muito rapidamente. Os dias vão vagarosamente vacilando, entre a aurora e o crepúsculo, a luz vive misturada com a sombra, cada um vai desatando os nós do desencanto com a sua capacidade de lutar e de sonhar.

Pedro Paulo Silva

De mãos dadas



Após vinte anos de governação do PSD nos Açores, dezanove dos quais com a mesma pessoa à frente do Governo Regional, a saturação política do eleitorado açoriano era a situação mais que normal. Havia projectos que já não mobilizavam os açorianos. Tinham sido criados becos de difícil saída.

Havia diferenças de opinião que se transformaram em conflitos inultrapassáveis, sem uma mudança de actores políticos.

A alternância política nos Açores era desejada. E foi bem vinda. E só não aconteceu mais cedo porque o Partido Socialista nos Açores pecou, durante anos, por falta de credibilidade, por falta de um apoio mais sustentado das elites locais. Em 1996, o poder regional foi jogado pela janela fora. Carlos César chegava à

cadeira do poder sem grandes esforços. Sem um projecto político para os Açores. Valeu-lhe um Primeiro-Ministro chamado Guterres. Um político que tem uma noção relaxante da política e da vida. O pai das "tolerâncias de ponto", dos perdões fiscais, dos perdões das dívidas, do faz de conta que se governa. O típico político ou patrão que encaixa com um certo perfil psicológico dos portugueses, quando se sente necessidade para os momentos de afrouxamento, de lassidão, após uma jornada mais intensiva, um tempo de maior exigência e rigor.

Ao político César, que durante anos foi um dos melhores exemplos do carreirismo político, surge-lhe, em 1996, para lhe amparar, o político Guterres no auge de uma governação zigzagueante, que prometia tudo e a todos, para o qual o saco do tesouro público não tinha fundo.

Guterres foi, desde o início da governação de César, o tónico que os socialistas açorianos precisavam para levar por diante uma governação regional minimamente credível. E, assim, não houve nenhum dilúvio!

E, assim, chegou César a

uma maioria absoluta após quatro anos de poder. Um ano após Guterres ter ficado à beira de uma maioria absoluta na Assembleia da República.

Lado a lado, César e Guterres foram constituindo maiorias absolutas. De mãos dadas, César e Guterres foram governando a Região e o País. Como se as finanças públicas fossem um poço sem fundo. Ambos montaram um cenário cor de rosa que embriagou trabalhadores e patrões, alunos e professores, agricultores e médicos, empresários e funcionários públicos. Um, Guterres, fugiu quando os portugueses lhe infligiram uma pesada derrota eleitoral. O outro, César, embora também castigado pelo voto popular nas eleições de Dezembro, arrastou-se, agora, órfão, para tempos conturbados.

Em Março, Portugal vai ter um novo governo. Os Açores vão contribuir para uma nova e melhor governação. Sem um Guterres, o que irá acontecer a um César desamparado?

Hermano Aguiar

Os 2º e 3º Ciclos na Ribeira Grande são parentes pobres ... É urgente reclamar melhores condições



As intenções do Governo Regional expressas na Carta

Escolar vêm reforçar a oportunidade das opiniões expressas no *A Estrela Oriental* em Julho passado, relativamente à situação dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico na Ribeira Grande.

Nesse artigo pretendemos mostrar que a Escola EB 2/3 Gaspar Frutuoso (GF) não tem condições para conter as crianças que frequentam os 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico (5º ao 9º anos) nem as

do 1º Ciclo do Ensino Básico que entretanto completam doze anos de idade. Estas últimas acrescentaram no presente ano lectivo 5 turmas à escola, no total de 100 alunos.

O edifício escolar foi sucessivamente adaptado, de acordo com a subida de frequência de alunos, em resultado do ensino obrigatório ter passado a ser cumprido nos últimos anos e nem a abertura

da Escola 2/3 na Maia poderia aliviar as suas condições precárias porque estas são estruturais. Além das cinco turmas do 1º ciclo, tem 19 do 2º ciclo e deveria ter 27 do 3º se todos os alunos desse ciclo frequentassem a Gaspar Frutuoso. Como os alunos do 3º ciclo são (teoricamente) repartidos em partes mais ou menos iguais entre a GF e a Secundária, de acordo com as suas

Freguesias de residência, a GF não deveria ter apenas 8 turmas deste ciclo. Uma boa parte dos alunos da Conceição e Matriz conseguem "passar" para a Secundária e na GF, no 9º ano, "restam" apenas 16 alunos, devido às "transferências e desistências" para o outro lado da ribeira... quando deveriam estar cinco vezes mais! E se estivessem, como se resolveria a situação?

A Carta Escolar, as intenções do Governo e a falta de poder reivindicativo

Se a Escola Secundária da Ribeira Grande pode ser considerada hoje uma das escolas de excelência da Região, deve-se à insistência dos professores e dos seus órgãos

(continua na página 11)

A Estrela Oriental
A Ribeira Grande em jornal
estrelaoriental@mail.pt

SAPATARIA LIMA
R. Gonçalo Bezerra, 37 - 9600 - RIBEIRA GRANDE Tel: 296 472 732

casa & objectos
Ribeiragrاندense
Abertos ao sábado

Vieiras, L^{DA}
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
ALVARÁS e ORÇAMENTOS
IVL
Telefs.: 296 472 111 · 296 472 238 · 296 490 150
Fax: 296 491 732
9600 RIBEIRA GRANDE

Fotolinda
arte em fotografia
Revelações, reportagens, máquinas fotográficas, montagens, etc...
Rua El Rei Dom Carlos, 22
Ribeira Grande
Tel.: 296 472 224



RESIDENCIAL
RIBEIRA GRANDE
RESTAURANTE SNACK-BAR-CAFETERIA

Cherne na telha
Espetada de espadarte c/ gambas
Rojões com ananás grelhado no espeto
Bife à Residencial

R. dos Condes da Ribeira Grande
Tel.: 296 473 488 | Fax: 296 473 878 | TLM: 917 889 858



Na Galeria Comercial
do Hiper Modelo na
Ribeira Grande
Tel 296 474 559

Atendimento Rápido
Serviço de TAKE AWAY
Especialidade da Casa
Comida Caseira e Saladas
Aceitamos Encomendas

Entregue esta vinheta e recebe um
desconto de 10% em qualquer compra
não é válido com outras promoções
Válido até 17 de Março de 2002



Com a sua imaginação e a nossa capacidade
damos forma à qualidade



Somos pioneiros
na serração
de basaltos

Britas e
Sarriscas

Areias

Aluguer de
máquinas e
camiões



Sede: Largo do Rosário, 129 • Tel. 296 472 375 • Fax 296 472 926
Inst. Industriais: Rochinha Preta • Tel. 296 472 824

JOSÉ DÂMASO E FILHAS LDA.



A.Machado
Na Compra e Venda de
Propriedades quem decide é VOCÊ
☎ 296 30 26 50



REF* 1035 - VIVENDA
Calhetas
Terreno: 3.440 m2
Implantação do Prédio: 350 m2
Quintal: 3.090 m2

Constituída no ríchão por hall
de entrada, sala comum, escritório, amplo salão de
convívio com lareira, quarto de banho, duas
cozinhas, garagem, jardim, churrasqueira e quintal
com quinta. 1º Piso composto por salão de
convívio com lareira, quatro quartos de cama,
quarto de banho e dois alpendres com vista
panorâmica. Com três entradas e com
acabamentos de qualidade.



A Mediação Imobiliária **A NÍVEL MUNDIAL:**
Regional: WWW.AMACHADO.PT
Nacional: WWW.APEMI.PT
Internacional: WWW.FIABCI.COM

REF* 1276 - VIVENDA
Rabo de Peixe
Terreno: 417 m2
Implantação do Prédio: 257 m2
Construção: 293 m2
Quintal: 160 m2

Construída num só piso composto por hall, cinco
quartos, ampla cozinha, quarto de banho,
galeria e garagem com capacidade para três
automóveis. Pequeno apartamento com quarto,
galeria, dois quartos de banho, vários anexos e
terraço.



Rua do Provedor, 11 - 9500-236 Ponta Delgada
Fax: 296 30 26 59 - INFO@AMACHADO.PT

MEDIAÇÃO
MEDIAÇÃO + SEGURA

www.nn-seguros.com

Natalícia Maré
Nuno Silva

Mediação de Seguros, Lda.
Rua do Passal, nº17B - 1º Piso
9600 Ribeira Grande
Telef.: 296 473666

Escolha a melhor opção



"Os quês e os porquês"

O Cintilar das estrelas ponte@aer.com



O Traquinas não tirava da cabeça o que tinha ouvido na escola. As estrelas têm luz própria e cintilam, ao contrário dos planetas, dissera a professora recitando em tom firme e sem mais explicações. Curioso, Traquinas não esperou por mais nada. Naquele dia, quando a noite chegou e o céu se vestiu com um xaile negro, colocou o nariz à janela do seu quarto. Lá fora chovia. Por mais que abrisse os olhos não enxergava uma estrela que fosse. A chuva lavava o céu e apagava as estrelas, pensou com os seus botões, mas rapidamente o sono lhe estragou a poesia. Dormiu mal

nessa noite e nas seguintes, à espera de uma noite pintada de estrelas. Dias depois um vento forte varreu o céu, impiedoso, e deixou-o sem uma nuvem. Naquela noite nem queria acreditar no que via. Lá estavam elas, as estrelas, dúzias delas, e cintilavam como dissera a professora. Mas depressa reparou que nem todas cintilavam. Devem ser os planetas, pensou. E começou a contá-los. Um, dois..., já levava duas mãos cheias quando se lembrou que planetas não havia assim tantos. Talvez se tivesse enganado. Voltou a contar, mas não tinha agora dúvida. Será que acabara de descobrir novos planetas? Não, não podia ser, mais certo era nem todas as estrelas cintilarem. Mas porque é que umas cintilavam e outras não? Não era assim que ouvira na escola. Foi então que as estrelas desataram a contar-lhe as

suas mágoas. Que não tinham culpa de nada, mandavam a luz direitinha para a Terra sem tremeliques, uma luz muito forte, tão forte como a do Sol, mas estavam muito longe, coitadas, muito mais longe do que o Sol e os planetas. Que a luz vinha por esse vácuo fora sempre a espalhar-se, a diluir-se, chegava à Terra já cansada, enfraquecida, e tinha então de passar pela almofada de ar que envolvia a Terra. Era a turbulência do ar, qual dança caótica de grandes e pequenos turbilhões em constante sobressalto, que impedia a luz de cortar a direito, em linha recta, e as fazia tremeluzir. As estrelas cuja luz chegava à Terra ainda forte bastante, por estarem mais perto ou serem mais luminosas, conseguiam escapar dessa dança sem tremuras de maior. Todas as outras pareciam cintilar aos olhos de quem as via. Traquinas ouviu tudo com atenção, de olhos esbu-



galhados. E foi reparando que realmente quanto mais fraca a intensidade da luz mais tremeluzia, que os pontos sem cintilar eram os de luz mais intensa. Percebeu que os planetas não cintilavam porque apesar de serem só um espelho do Sol, a luz que reflectiam era forte bastante para não se assustar com as diabruras do ar turbulento. Lembrou-se dos grandes telescópios construídos nas mon-

tanhas. Pois, lá por cima, mais perto do céu, há menos ar para fazer das suas, pensou. Melhor seria fazer um telescópio e levá-lo para o espaço. E quando da sua janela descansou o olhar sobre o mar e viu a tremeluzir as luzes longínquas da ilha que se curvava em frente, percebeu que nem toda a luz cintilante é uma estrela, e deduziu que o ar nocturno sobre o mar é tudo menos uma paz de

alma. Por que seria? Naquela noite, Traquinas sentiu-se noutra planeta e foi para a cama com os olhos cintilantes. Como as estrelas, pelo menos algumas.

Cambridge, Massachusetts

Rui Melo Ponte

Politécnico para a Ribeira Grande



A criação de uma instituição de ensino superior na Ribeira Grande, surge de uma proposta do PSD/Ribeira Grande, apresentada para ser levada a cabo pela Câmara Municipal, mas tal como outras, são os órgãos de comunicação social os primeiros a saber e só após grandes hiatos temporais são discutidas na entidade que irá desenvolver o projecto. A nossa opinião desde a primeira hora foi de apoio à proposta, porque em nosso entender se ela fosse avante seria e será das propostas que melhor poderá contribuir para o desenvolvimento do nosso concelho, em termos culturais, económico e sociais. Em termos culturais porque uma instituição de ensino superior não só en-

riquece os recursos humanos nela formados como cria um conjunto de sinergias que beneficia não só os seus alunos como toda a comunidade em que está inserida. No âmbito económico-social também não temos dúvidas do seu impacto para o desenvolvimento da Ribeira Grande. (Já agora seria interessante analisar e discutir a tese de mestrado, apresentada no mês transacto, sobre o impacto da Universidade dos Açores na ilha Terceira). No mesmo local dissemos que o processo deveria passar por um debate franco e aberto com todos os Ribeira-grandenses, de um modo especial, com aqueles que, nos Açores, no Continente ou em países estrangeiros têm desenvolvido projectos pessoais no domínio do ensino superior. Hoje, o concelho da Ribeira Grande tem um conjunto de recursos humanos a residir ou espalhados pelas mais diversas partes do Mundo, possuidores de doutoramentos ou mestrados e que cada um de per si ou em conjunto po-

deriam contribuir para este debate. Mais, este projecto terá que ser dos Ribeira-grandenses e não só de uma Câmara Municipal, para ele terão que contribuir de uma forma especial as empresas do concelho e há que agregar ao projecto um conjunto de cidadãos que pela sua formação e pelo seu interesse às causas do desenvolvimento do concelho não poderão ficar de fora. Lembre-se que a Universidade dos Açores partiu de um conjunto de pessoas, muitas delas sem qualquer ligação ao ensino superior, mas sim à sua causa. Sem este debate, de que valerão estudos económicos de duvidosa validade, que apre-

sentam resultados positivos em termos económicos, baseados essencialmente nas propinas dos alunos? O tipo de ensino superior para a Ribeira Grande por nós defendido foi o Politécnico, dado que o ensino superior universitário deverá continuar a ser única e exclusivamente da responsabilidade da Universidade dos Açores, pelas nossas características geográficas e populacionais, pois dificilmente a Região poderá albergar mais do que uma instituição de ensino superior universitário. Também temos defendido que o ensino superior politécnico público deverá estar agregado à Universidade

dos Açores, apesar da legislação do ensino superior não o permitir, mas pelas razões de que só deverá haver uma Universidade pública e pelos ganhos económicos e científicos que daí poderão advir. Coloca-se à Ribeira Grande uma questão pertinente: o seu projecto será no domínio público ou privado? Para nós, só no domínio público este projecto poderá ter cabimento, pelos investimentos necessários no domínio das instalações e na criação de um corpo docente credível e estável, necessários ao seu funcionamento, o pagamento de propinas por parte dos alunos não é suficiente para manter uma estrutura nova deste âmbito, a não ser que continuemos a aspirar à dita instituição de "vão de escada". Assim, defendemos uma estreita ligação à Universidade dos Açores, pelo seu papel necessário ao desenvolvimento dos Açores. A terceira cidade dos Açores não poderá ser esquecida por esta instituição, o seu tratamento terá de ser leal e


honesto, não poderemos ver a instituição a participar no projecto através da sua Fundação Gaspar Frutuoso e ao mesmo tempo as propostas de cursos apresentadas pela Ribeira Grande serem executadas dentro da estrutura actual da Universidade. Lembre-se que o curso de Serviço Social era uma das apostas da Ribeira Grande, outros cursos foram apresentados na candidatura da Ribeira Grande e que já estão a ser apontados como os futuros cursos da Universidade dos Açores.

Ribeira Grande, 2 de Fevereiro de 2002.

José de Sousa Rego

Ex-Vereador, PS, da Câmara Municipal de Ribeira Grande, presentemente deputado, PS, à Assembleia Legislativa Regional dos Açores





IEI

Instalações Eléctricas Industriais, Lda.

Executamos Instalações: Eléctricas Telefónicas Elevadores Ar Condicionado
Redes de Distribuição de Média e Baixa Tensão
Postos de Transformação

Comércio de Material Eléctrico

Rua Eng. José Cordeiro, 10 APT. 251 9501-903 Ponta Delgada
Telef. 298 30 23 20 Fax 298 83 64 75 iei_sede@mail.telepac.pt

Díálogos: Medeiros Ferreira

Mário Moura / **Hermano Teodoro**



Instituto Superior Politécnico

MM: O Instituto Superior Politécnico na Ribeira Grande: que fará para o "desenchar" dos baixios do Ministério da Educação?

MF: Bem, quanto a esta questão, creio que existe um ponto prévio que convém esclarecer que é qual o futuro do Ensino Superior Técnico nos Açores, se ligado à Universidade dos Açores, se não. Creio que a primeira grande decisão terá que ser tomada a esse nível.

MM: Por aquilo que a Comunicação Social tem dito, penso que já há algum entendimento entre a Universidade dos Açores e a Câmara Municipal de Ribeira Grande.

MF: Pois, foi por isso que falei num ponto prévio. Não quero fazer demagogia neste aspecto, ou seja, terá que ser a própria Universidade dos Açores, de certa maneira, a definir se se sente com vocação para chamar a si o Ensino Superior Politécnico ou se aceita a descentralização de estabelecimentos, digamos, de Institutos, que com ela podem vir a colaborar, mas que sejam autónomos da sua gestão. Portanto, diria que a primazia da pronúncia, isto é, a qualificação, do futuro Ensino Superior Politécnico nos Açores cabe à Universidade dos Açores. Porém, uma coisa é certa, a haver um Instituto Superior Politécnico fora

da Universidade dos Açores, creio que a Ribeira Grande está bem situada para o receber.

HT: Que ajuda poderá dar para que a situação avance?

MF: Em primeiro lugar, tentar esclarecer se a Universidade dos Açores realmente quer ou não quer albergar no seu seio o Ensino Superior Politécnico, depois, então fazer aquilo a que se pode chamar uma 'magistratura de influência' junto do Ministério de Educação, porque esta problemática também é geral, quer dizer, o Ensino Politécnico é uma questão que está a ser debatida, em que o próprio Ministério de Educação terá que se pronunciar sobre a mesma. A haver descentralização da Universidade dos Açores, creio que a Ribeira Grande merece ser contemplada devido à iniciativa que tomou nessa matéria, beneficiando assim o seu contexto económico e social. Mas, por amor à verdade, acho que primeiro temos que esclarecer realmente o que a Universidade dos Açores pensa sobre a mesma.

HT: Poderemos dizer que sobre esta questão a Universidade dos Açores tem 'faca e o queijo nas mãos'?

MF: Quer dizer, o Governo terá o poder de decidir, mas a primeira palavra, uma palavra que será escutada, certamente, é a da

Universidade dos Açores. O que está aqui em jogo é a qualidade do Ensino Superior nos Açores, por Ensino Superior entendendo-se aquilo que normalmente se diz ensino Superior Universitário e Ensino Superior Politécnico. A Universidade dos Açores está numa encruzilhada, porque grande parte das funções que desempenhava, que era a de formação de professores em diferentes áreas, estão praticamente esgotadas. Portanto, agora, a Universidade dos Açores terá que reflectir sobre se quer chamar a si o Ensino Superior Politécnico ou se, dada a sua condição de Universidade no sentido mais clássico, acha que o ensino Superior Politécnico poderá nascer fora dela e nesse caso, então, acho que a Ribeira Grande teria essa possibilidade, mas isso não quer dizer que mesmo que a Universidade chame a si tal ensino não haja a possibilidade de instalação de parte dele na Ribeira Grande. Resumindo: podem contar comigo para fazer a chamada 'magistratura de influência' nesse domínio.

Tribunal de Ribeira Grande

MM: Sobre o Tribunal: que fará para que não "encalhe" nas secretarias do Ministério da Justiça?. Até já foram cotadas verbas para que o mesmo avance. Agora, há um receio quanto à nova Le-

gislatura que se aproxima. **MF:** Eu sei, eu sei! Até conheço os terrenos. Para além de uma "magistratura de influência", posso dar uma resposta de sentido diferente daquela que dei em relação à primeira pergunta. Uma das minhas prioridades será conseguir do Governo da República a rápida construção do Palácio da Justiça para a Ribeira Grande. Comprometo-me a dar prioridade a essa questão, até porque já visitei várias vezes as instalações existentes na Ribeira Grande, e creio que é uma prioridade real.

Programa Polis

MM: Uma outra questão prende-se com a Candidatura da Ribeira Grande ao programa "Polis". É um programa para ajudar a implementar requalificações urbanas.

MF: Sei que para os Açores só Angra do Heroísmo teve a sua candidatura aprovada, situação de direito, já que é uma cidade Património Mundial.

MM: Agora, a questão é sensível, uma vez que o Funchal não o é e foi-lhe atribuído o "Polis", e para o caso da Ribeira Grande nada lhe foi garantido.

MF: O primeiro passo que darei será o de esclarecer melhor os critérios de distribuição do programa "Polis" e, o segundo passo, será o de lutar para que a Ribeira Grande e, possivelmente, outras Câmaras Municipais dos Açores venham a ser contempladas com esse programa.

Nova esquadra para a PSP

MM: A outra questão prende-se com a criação de uma nova esquadra para a P.S.P. da cidade de Ribeira Grande. As instalações que, actualmente, estão sendo usadas são municipais, as quais não cumprem os requisitos exigidos.

MF: Já visitei várias vezes a actual esquadra da Cidade de Ribeira Grande. A última foi este Verão, precisamente, em Setembro. Fui lá acompanhar o candidato do P.S. à Câmara Municipal, Dr. Ricardo Silva. Pude assistir ao empenho do candidato Ricardo Silva que colocou a necessidade da construção de uma nova esquadra. Fiquei muito sensível com os argumentos que ele avançou. acho que

também me posso comprometer a exercer a minha influência junto do futuro Ministro da Administração Interna para que a Ribeira Grande tenha direito a uma nova esquadra onde se possa processar a modernização em curso na P.S.P.. No entanto, chamo-vos a atenção que, muitas vezes, os serviços competentes do Ministério da Administração Interna decidem sobre o parecer da própria hierarquia da P.S.P.. Talvez fosse bom saber o que é que se transmite em termos dessa hierarquia.

MM: Exactamente. O conhecimento que temos é que eles acham que ainda não é prioridade.

MF: Não é por acaso que eu fiz este comentário, dificilmente se pode despachar contra um parecer da hierarquia, mas como estive presente, volto a repetir nesta reunião em Setembro, nas instalações da P.S.P. da Ribeira Grande, fiquei ciente de que se deve fazer algo mais e na medida do possível tentarei sensibilizar os responsáveis, pelas vias competentes, para essa matéria, mas aí já seria menos enfático do que fui em relação à questão do Tribunal.

Intervenção em Rabo de Peixe



HT: Finalmente, temos a questão da freguesia de Rabo de Peixe. Como futuro deputado o que é que fará para que o Governo da República possa intervir na freguesia?

MF: Bem. Acho que primeiro temos que ver o que é que de facto o Governo Regional dos Açores, a Câmara Municipal e a Junta de Freguesia, dentro do princípio da subsidiariedade, podem e devem fazer por Rabo de Peixe. Se cada um der o máximo para a resolução da questão da freguesia é capaz de o próprio Governo da Re-

pública só ter que intervir numa grande área, digamos assim, ao nível do acompanhamento social extraordinário ou até de uma revolução urbana na localidade. Não estou a ver o Governo da República a interferir em competências da Junta de Freguesia, da Câmara Municipal e do Governo Regional. Portanto, só vejo uma intervenção do Governo da República integrada num grande esquema, que até já existe, de apoio social e sobretudo relacionado com a habitação, provocando uma revolução urbana de que sou de facto partidário. São estes dois sectores que acho que o Governo da República poderá dar o seu apoio, mas depois de esgotadas as hipóteses de intervenção das entidades da Região que aponte.

HT: Pelo que se pode observar, todos os paliativos regionais e locais aplicados na freguesia ainda não puseram cobro às suas graves carências. Até que ponto o Governo da República pode avançar com o seu contributo?

MF: Estive em Rabo de Peixe aquando da visita do Presidente da República Jorge Sampaio. Assisti a uma série de concretizações, nomeadamente o projecto "Sementes de Mudança". Toda a gente fala que os problemas de Rabo de Peixe têm a ver com uma espécie de cultura endógena, algo de endémico, mas acho que sem um choque cultural é muito difícil fazer lá qualquer coisa; é claro que temos que respeitar as pessoas e o seu modo de viver, mas é preciso levar a cabo a revolução de que já falei. Considero que o Governo da República não vai pretender intervir em assuntos que dizem respeito, primordialmente, às autarquias e ao Governo Regional, ou seja, nas suas competências, mas, digamos, em cooperação, se a Câmara Municipal o Governo Regional e a Junta de Freguesia se concertarem, é possível que o Governo da República o faça.

Diálogos: Victor Cruz

Mário Moura / Hermanno Teodoro

MM - Instituto Superior Politécnico na Ribeira Grande: que fará para o "desenchar" dos baixos do Ministério da Educação?

VC - Por aquilo que sei, este processo está bem encaminhado. Os Deputados do PSD à Assembleia da República, Drs. Mota Amaral e Joaquim Ponte, na legislatura que agora terminou, solicitaram informação ao Ministro da Educação sobre o assunto. Desde então esta candidatura tem conhecido a tramitação normal.

A vistoria às instalações já foi solicitada pelo Ministério da Educação, o que poderá significar um bom prenúncio para as aspirações da Ribeira Grande.

Os Deputados do PSD na Assembleia da República não deixarão de fazer os esforços necessários, junto do novo governo, que estou certo terá como primeiro-ministro o líder do PSD, Dr. Durão Barroso, para que este processo conheça uma solução rápida.

MM - Tribunal Judicial de Ribeira Grande: que fará para que não "encale" nas secretarias do Ministério da Justiça?

VC - Este processo já tem muitos anos, sem que se vislumbre uma data para se iniciar a obra.

Já passaram muitos Ministros da Justiça e todos eles ficaram sensibilizados para a necessidade de se dotar a Ribeira Grande de um Palácio da Justiça.

O projecto em elaboração não é aquilo que os ribeirãograndenses pretendem. A cidade da Ribeira Grande bem merece um espaço amplo, moderno e funcional, onde possa albergar os dois Juízos e as Conservatórias.

Os Deputados do PSD irão tomar contacto com o processo e procurarão, com a nossa intervenção junto do Ministério da Justiça, valorizar o projecto.

Por outro lado, a dotação orçamental efectiva desta obra é fundamental para o seu arranque, tendo em vista a comodidade da população e a dignificação da própria Justiça.

MM - Candidatura ao Polis: que fará para que a Ribeira Grande seja, tal como o Funchal, tida em conta pelo Ministério da Administração Interna?

VC - A recusa da candidatura da Ribeira Grande nunca foi devidamente explicada pelo Ministério do Ambiente do Governo de Guterres. Houve dois pesos e duas medidas. Se as Regiões Autónomas não podiam ter acesso aos apoios do Polis, como se justifica, então, a aprovação da proposta da cidade do Funchal?

Quanto à aprovação da candidatura da cidade de Angra do Heroísmo compreende-se, e apoiamos, que tenha sido feita esta excepção, pelo facto de ser uma cidade classificada como Património Mundial.

Estamos dispostos a intervir junto do novo Ministro do Ambiente, no

sentido de se repor a justiça, disponibilizando-se as verbas necessárias para que o Concelho da Ribeira Grande justa e justificadamente, tenha oportunidade para promover o equilíbrio e a valorização ambiental da sua cidade.

MM - Nova sede, digna de uma cidade, para a PSP: que fará junto do Ministério do Interior, para que esta "velha e relha" aspiração ribeirãograndense se torne realidade?

VC - A PSP possui um projecto que a Autarquia ofereceu, tendo em vista dotar a Esquadra da Ribeira Grande de melhores condições de operacionalidade e de dignificação dos serviços de segurança pública.

De facto, a Ribeira Grande não tem tido a atenção que merece por parte do Governo da República. Os serviços centrais e é preciso rapidamente alterar esta situação, sob pena da Ribeira Grande continuar no esquecimento nesta área.

De acordo com as pretensões da Autarquia da Ribeira Grande é urgente promover reuniões junto dos Serviços Centrais com o objectivo de se desbloquear este e outros casos encalhados nas gavetas dos ministérios. Os Deputados do PSD terão um papel interviniente, por forma a que se resolvam estas situações.

HT - Quanto à realidade sócio-económica de Rabo de Peixe: que fará para que o Governo da



República tenha uma intervenção directa e substancial na freguesia?

VC - A realidade sócio-económica de Rabo de Peixe resolve-se com a articulação e o contributo de todas as entidades responsáveis, bem como a participação directa da população.

Temos vindo a assistir à canalização de alguns investimentos, infelizmente, muito longe dos apregoados pelo Presidente do Governo Regional, para aquela freguesia, sem que os resultados sejam visíveis.

O Governo Regional privilegia umas instituições e vira as costas a outras, como se isso pudesse ser o caminho para solucionar os difíceis problemas de Rabo de Peixe.

O Governo Regional, em vez de dialogar com as autarquias locais representativas e que voltaram a merecer uma expressiva confiança da população, tem vindo ostensivamente a ignorá-las.

O problema em Rabo de Peixe não se resolve apenas com dinheiro, mas com a optimização de todos os recursos disponíveis.

Há que continuar com as candidaturas junto do Comissariado Nacional da Luta Contra a Pobreza, por forma a que os financiamentos continuem.

O Governo de Carlos César tem que ter uma política de verdade para com Rabo de Peixe. Não pode continuar a fazer grandes títulos na comunicação social, como

aquele que anunciava, em 21 de Julho de 1999, que o Governo Regional ia "arrasar o Carangueijo", prometendo começar a construir em meados de 2000 a construção de 100 habitações. Mais do que fazer marketing político, o que é preciso é pensar nas pessoas e resolver os seus problemas.

Rabo de Peixe e os seus problemas não devem servir de mote de campanha eleitoral. Estão em causa grandes problemas sociais. Está em causa a dignidade de seres humanos que têm o direito a melhores condições de vida. Começando pela habitação condigna.

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS

Servimovel
 RUA DO LAUREANO, N.º 574 - 9500-319 PONTA DELGADA
 Telef. N.º 296 38 39 44 - fax N.º 296 38 38 39
 Telemovel N.º 91 90 20 517

Deixe conosco nós tratamos de tudo

JOSÉ DO COLTO, LDA.

AREIA DRAGADA
 E AREIA FABRICADA

EMPREENHEIRO DE OBRAS PÚBLICAS
 MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

ESTRADA REGIONAL, N.º 34 ♦ 9600-214 RIBEIRA SECA RGR
 TEL.: 296 470 410 ♦ FAX: 296 470 419



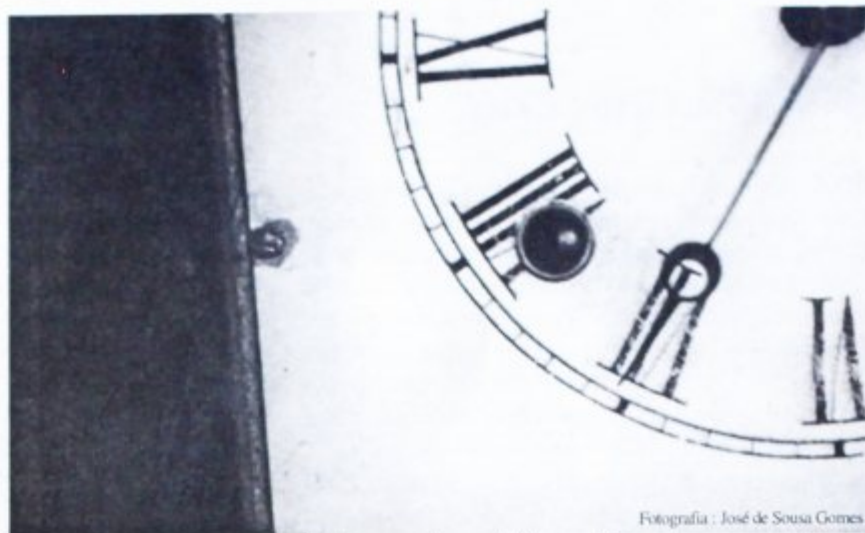
Rodeado de Ilha

O Relógio velho

Não sei a marca desse relógio velho. Era o único objecto existente num quarto interior da Rua do Quebra-Costas. Cheguei muito cansado ao Funchal. Os meus amigos, que me conhecem bem, disseram-me: "Podes ir descansar para o quarto lá de cima." Peguei em duas almofadas da sala e subi para o último piso da casa. Dispuse as almofadas a um canto do quarto, que sempre encontrei vazio de qualquer móvel ou de qualquer objecto, excepto o relógio velho, com os ponteiros parados sobre numeração romana. No vidro de uma porta que está sempre entreaberta, como quem espera que lhe dêem corda, há, sobre uma oval pintada de azul forte, uma cena de caça: caçador de espingarda a tiracolo, algumas aves mortas e dois cães. Fora este relógio, o quarto permanece vazio, no seu alto pé-direito. Um vidro, a meia-parede, deixa entrar uma coada luz, vinda de outra divisão. É este o lugar de que mais gosto em toda a ilha. Quando era novo, dizia: "É bom pensar deus a partir de uma ilha." Mas quando era muito novo nem sequer isso dizia. Agora, que já não me serve a qualidade "novo", voltei a não dizer nada. Continuo a procurar uma ilha somente como o sítio privilegiado para a racionalidade da inquietude; e se numa ilha tenho um buraco limpo de qualquer poeira, como este quarto cimeiro na Rua do Quebra-Costas, sinto-me bem. Quase sou levado a não pensar deus, questão demasiado presa a uma adolescência tardia que, muitas vezes, à viva força, não quer abandonar-nos. Ocupo-me, no silêncio do tépido quarto, a juntar frases ao redor da inquietude. Coisa semelhante a quem procura um sentido para a quietude. Às vezes levam tempo a despertar-

-me desse meu abandono, que não passa de uma forma de descanso. É então que, mais do que ouvir, pressinto ranger os degraus da escada, bem mais velha do que o relógio, e depois uns passos muito leves no corredor, e sinto a porta do quarto a abrir. É sempre ela. A mais nova das raparigas da casa. Traz-me num prato uma faca, uma colher e três ou quatro anonas. "A minha mãe diz que estamos demorados para o jantar." Estende-me o prato com os frutos. A porta ficou aberta e a luz, vinda do corredor, aumenta a luminosidade que o vidro na parede deixa entrar. Digo-lhe: "Lourença" - não conheço mais ninguém que se chame Lourença - "vai buscar outra colher para ti. Não quero todas as anonas." Saiu. Regressou um pouco depois. Traz consigo uma almofada e sentou-se ao meu lado. Comeu uma anona, em silêncio. Somente o ruído das colheres quando pousam no prato e quando batem de leve nos bordos para deixarem as sementes. "A mãe diz que vens para este quarto para pensares deus a partir do mecanismo do relógio. Que pedes a deus?" "Tenho mesmo que pedir-lhe coisas?" "Não sei. Há um padre, na casa do parque do Rabaçal, que está sentado a uma mesa com muitas velas acesas à volta. Vê-se da janela. A mãe disse-me que ele está a pedir coisas a deus." "Por mim, não lhe peço nada." "Nem sequer o teu maior desejo?" "Já não tenho desejo, Lourença." Ficou calada, enquanto comia a última metade da anona. "Tu estás só a desconversar." "Talvez. Desculpas-me? Precitava de ver um bom filme. Estou cansado. Um bom filme era a

única coisa que me faria bem." Vi nessa noite o Barry Lyndon. Sei os lugares exactos, os instantes em que Kubrick se desvia do romance de Thackeray. Isso pouco importa, pois a intenção de Kubrick tem o aval da paciência do romancista: paciência que no decorrer da acção surge como uma entidade, como uma extensão do tempo em cada um dos personagens. As suas falas, o seu interpretar de intenções sai do ecrã e invade, aos meus olhos, o comportamento daqueles que me rodeiam. As próprias paisagens da Madeira deixam-se invadir pelo filme. E, logo no início, quando um dos parentes que protege Barry lhe diz: "Dublin é uma bela cidade"; eu não oiço "Dublin" e é como se ouvisse: "O Funchal é uma bela cidade." Então Grafton Street desdobra-se na Rua do Carmo e com ela se confunde. O filme transporta-se para a cidade, para a ilha. Contém, em si, uma ideia de mancha. A progressão dessa mancha é uma poalha, um enovelamento e, também, uma densa nebulosidade que envolve tudo e todos. De repente, a mancha destrói os personagens e eles confundem-se com os meus amigos. Lourença cresceu. Passou a ser aquela prima de Barry que lhe diz: "Escondi, em mim, a fita do meu pescoço. Procura-a." Clima de sedução e ventura que vai marcar de um modo contagiante toda a acção: sai do filme; invade a ilha. Sob a toalha de sinuoso andamento de um trio de Schubert, escapa-se-me o filme pelos caminhos e trilhos da ilha. As paisagens da Prússia e da Áustria, os parques e os jardins dos palácios ingleses, os áridos montes irlandeses povoados de elfos, ventos e patriotas perseguidos interiorizam-se, percorrem a ilha levados pelas



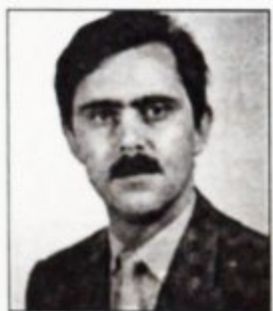
Fotografia: José de Sousa Gomes

águas das levadas; as cascatas e túneis do Risco deslizam, como uma película, pelos jardins de Lady Lyndon. Espadas, duelos, guerras trazem o século XVIII para o primeiro ano do século XXI. Lembra-se do prevertido Chevalier que vivia de fraudes ao jogo e da contra-espionagem? Também o encontrei, senhor de vida errante, a uma mesa de jogo no casino. Por sua causa perdi as moedas que poupara nos jantares e na hospedagem que a mãe de Lourença me oferecera. Ela, que tanto se parecia com a protectora mãe de Barry. Vejo-a, no alto jardim das Queimadas, à semelhança dessa senhora irlandesa, avançando para o mais puro nevoeiro, com um ramo de urze nas mãos. Barry, Lady Lyndon, Lord Bulington invadem o Funchal e descem na fissura que tem qualquer alma - por isso, eles aí estão travestidos nos meus amigos -; ocupam o olhar do próximo e, logo, a ilha. Progredem através de uma necessidade de contacto. E, no final, frente a um Barry fisicamente destroçado, que diz: "Sinto só as mãos", vejo a ilha no transporte do herói: esse cavaleiro de indústria que em toda a sua vida de aventura não fez mais do que fugir à responsabilidade de um conceito. (Parece-me ouvir a Lourença, a dizer: "Sei o que é um desejo, mas não sei o que é um conceito.") No careiro que margina a montanha e o deslizar inquietante do des-

filadeiro, nas alturas do Risco, encontro Barry, sob o abrir e logo cerrar do pano de nevoeiro. Ele não passa de uma árvore seca. De Barry ou da árvore ergue-se um ramo novo. Preserva a verdadeira árvore; único Barry vivo consentido pela morte da árvore antiga. Fantasma da árvore. Espectro de Barry. Sombra sonolenta, com suavidade coberta pelo manto da paciência, pela extensão do tempo. Rebentam as folhas novas. Intensas de verde. A árvore e Barry não passam de um leve espírito vegetal. Levaram-me ao Paúl do Mar: as casas já nasceram ruínas; e os músicos, num arremedo de coreto, não estão a tocar Schubert, mas conhecida canção de Sinatra. Esperei pelo último duelo, que não surgiu; mas o Paúl do Mar trazia, em si, um chão de capela arruinada, coberto de palha e de estúpidas pombas. Regresso, sempre que posso, a esse quarto. Fico à espera da extensão do tempo: a intrigante paciência. Às vezes, Lourença abre a porta - que fica sempre encostada. Como que à sua espera -, com o prato de anonas. Pode aparecer com outros frutos que nem sequer sei se devo ou não devo comer. Quando abandono a ilha, quando deixo o quarto dessa casa, num dos extremos da cidade do Funchal, fico sempre à espera de um derradeiro som.

Não pertence ao Shubert de Barry Lyndon nem ao Sinatra ouvido no Paúl do Mar. Acabo por conseguir ouvir a porta do quarto vazio a fechar-se, como se fosse a última badalada do velho relógio. Som ferido, de corda partida. Espalham-se múltiplas sonoridades, inquietantes refrações que cintilam, eu sei, por muitos dias, na palidez do escuro quarto. Parti dois dias depois da projecção do filme. Ficou a cidade, a ilha. Era de manhã. A luz do Kubrick trouxe uma tonalidade de ouro. Havia, nessa manhã, demasiada gente à minha volta. Todos os meus amigos e todos os que fui conhecendo das muitas vezes em que fui à Madeira. Vestiam saias cor de fogo, como se fossem monges tibetanos. Mais próximos de mim: a Cecília e o Maurício - supostos pais de Lourença. Eles têm nomes de romance de Júlio Diniz; nomes redondos e perfeitos, semelhantes ao deslizar de uma paisagem final. E, ela, a Lourença, que tem nome de personagem de Bessa-Luis: desses nomes que, só por si, são capazes de parar os ponteiros do relógio velho e de irem, ao outro extremo da ilha, chamar a morte. Desciam todos a Rua do Quebra-Costas, que não passa de um puro subir. Corriam, embalados na descida. As saias, rubras. Lavaredas. **João Miguel Fernandes Jorge**

Avanço na Democracia com as Autárquicas 2001



Não há dúvida. A tomada do poder regional pelo Partido Socialista em 1996 revestiu aspectos pedagógicos de uma nova cultura democrática. Agora ninguém mais quer saber se a cor do cartão de militância partidária é laranja ou é rosa. Deu gosto ver como os eleitores se comportaram, em período de campanha eleitoral: ousaram dizer, com toda a liberdade de expressão, se votavam em Pedro ou se votavam em Paulo sem que isso degenerasse em acasas discussões ou afectasse as boas relações individuais entre as pessoas. Nas urnas, as pessoas votaram

com mais discernimento, distribuindo os três boletins de voto de forma absolutamente livre, com uma tendência para dizerem que não queriam os poderes todos concentrados na mesma força partidária. Isto revela-se bem na relação dos votos e na sua distribuição entre as Assembleias de Freguesia e a Câmara Municipal. Ricardo Silva mostra uma tendência para perder votos nas Assembleias de Freguesia que foram ganhas para o PS, com incidência em Santa Bárbara, Calhetas, Conceição, Lomba de S. Pedro e Fenais da Ajuda (tendo mesmo perdido para a Câmara na Lomba de S. Pedro e na Conceição) ganhando-os nas freguesias perdidas para o PSD e apresentando um diferencial positivo para a Câmara de 156 votos. António Pedro mostra a mesma tendência, com incidência em Santa Bárbara, Calhetas Pico da Pedra, Matriz, Ribeirinha, Porto Formoso, São Brás, Maia e Lomba da Maia (tendo mesmo perdido para a

Câmara nas freguesias ganhas para o PSD de Pico da Pedra, de Matriz de Ribeirinha e de São Brás) e apresentando um diferencial negativo para a Câmara de 158 votos. Rabo de Peixe voltou a ser o bastião da vitória de António Pedro, onde é conseguida uma diferença de 418 votos para a Assembleia de Freguesia e a sua candidatura à Câmara arranca mais 42 votos, mesmo com a adversidade salutar da candidatura do Bloco de Esquerda que consegue 267 votos para a Assembleia de Freguesia e 166 para a Câmara Municipal. Mas, onde a leitura da negação da concentração de poderes na mesma força partidária consegue maior expressão é na constituição de um órgão executivo PSD e de um órgão deliberativo PS. E agora? O que é que vamos fazer com esta leitura? Ter juízo. Ter bom senso. Não falta capacidade ao PS de fazer obstrução em toda a linha. Mas vamos aprender um pouco com a História recente. Quando

o PSD e o CDS-PP detiveram a maioria no Parlamento Regional e quiseram fazer obstrução sistemática ao governo minoritário do PS, chegando a ver-se a figura bizarra de Alvarinho Pinheiro a pôr-se em bicos de pés para exigir entrar para o "arco da governabilidade", o povo puniu-os oferecendo ao PS a maioria absoluta. Vamos ser sensatos e aplicar um pouco de moralidade: não fazer aos outros aquilo que não queremos que nos façam. Com estes resultados eleitorais o que eu mais quero ver é articulação entre Câmara e Assembleia Municipal; cooperação en-

tre PS e PSD. O PSD não pode querer tudo a seu jeito; tem de fazer concessões e inclusões do PS. O PS não pode remeter-se para uma posição de melindre por não querer ser acusado de colaboracionista e por não querer deixar cair os louros nas mãos do PSD; uma postura de verdadeira colaboração, em prol do desenvolvimento do Concelho e da Cidade, é o que se lhe pede. Depois, os louros, havemos de ver quem os recolhe. Cá por mim, eu exijo receber uma boa parte, na proficiência da cooperação, enquanto cidadão. A Ribeira Grande já perdeu

tempo de mais. Agora queremos vê-la afirmar-se no diálogo com a Ilha, com a Região e, principalmente, no diálogo com as outras quatro cidades. Já não tem cabimento o alibi de que faltam as condições, pois a situação política evoluiu e amadureceu. Ribeira Grande, 29 de Dezembro de 2001. Juvenálio Custódio Cabral do Rego, Militante do Partido Socialista

Boa Gastronomia com o Mar Como Horizonte

alga boote

Largo East Providence, 68 - Ribeira Grande - Telef. 296 473 516 - Fax 296 473 023

Perfil

Carlos Miranda: o fascinante mundo do cinema

A vida de Carlos Miranda tem sido festa de cascos. É ele quem o defende. As coisas vão surgindo como que fruto do inesperado. Porém, um fascínio a perpassa: o Cinema. Em criança gostava de partilhar, nas esquinas das ruas de Rabo de Peixe, os admiráveis mundos novos que emanavam dos filmes que pela freguesia circulavam; quando jovem, em terras canadianas, numa tentativa de procura de trabalho, e sem nunca perder o gosto pelo Cinema, ingressa no mundo da moda, onde, reconhece, a imagem faz das pessoas coisas; já adulto, trabalhava na Europa, quando se torna actor, chegando a contracenar com nomes grandes da 7.ª Arte; actualmente, reencontrado com a sua terra mãe, os Açores, ainda continua ligado ao universo da imagem, para o qual, numa harmonia com a sua paixão cinéfila, tem vindo a trilhar um caminho como gestor cinematográfico (1).

Procurar o outro lado da Ilha

Carlos Miranda, 41 anos, natural de Rabo de Peixe, Ribeira Grande, fez os estudos primários na sua terra de origem: 'terra de gente humilde e trabalhadora', admite. A sua infância foi intensamente vivida na comunidade dos seus pais. Recordá, com muita nostalgia e afecto, os momentos em grupo, depois das idas aos Cinemas, hoje, extintos, de São Sebastião e Miramar. 'Eu ia aos Domingos ao Cinema,

camponeses e pescadores, no presente, ainda com evidentes resquícios, durante a sua meninice, o Cinema era uma janela aberta para o outro lado da Ilha ('O cinema era uma Janela para uma aventura fora da nossa Ilha'), o qual convidava à imaginação, à viagem, à mudança.

Com 10 anos emigrou para a cidade de Montreal, Canadá. Foi o início de outra aprendizagem. Faz os estudos Secundários naquela cidade, em paralelo com uma formação junto de academias militares. Aos 18 entrou para o Regime de Reserva. Aos 20 anos pretendia seguir carreira militar. Contudo, nunca deixou de procurar o Cinema, mesmo que ao nível do *entertainment*, continuando a excitar a imaginação em redor dos outros lados da Ilha. 'Por mero acaso', surge a 'oportunidade de trabalhar como manequim'. Foi o salto para uma viagem que o iria levar às capitais da moda, Paris, Nova York, Roma, ao fascinante mundo do Cinema, já não por fora, mas por dentro, e à redescoberta do amor pela sua terra natal.

Manequim e actor

Inicia a sua carreira de manequim no Canadá, seguindo para Paris, em 1980, vindo aqui a trabalhar durante alguns anos. No entanto, 'enquanto manequim trabalhava em toda a parte do mundo'. Ter feito publicidade para Televisão foi, talvez, a razão para aceder ao mundo da 7.ª Arte. Em 1986,

uma deslocação a São Miguel, onde passa três semanas, numa Quinta, 'sem luz', em Rabo de Peixe, a interiorizar tais características. É a primeira situação que o faz redescobrir o amor pelos Açores. Gostou de trabalhar com Francesco Rosi, muito sábio no 'fazer o actor desempenhar o seu papel'. Na *Crónica* contracenou com Ornella Muti, essa beldade italiana, segundo ele, 'muito simpática e acessível'. Após a rodagem de *a Crónica*, continua a trabalhar na cidade de Paris em publicidade, documentários (como assistente-realizador fez uma reportagem para o Travel Chanel sobre os Açores) e curtas metragens. Começa por frequentar Escolas de Artes Dramáticas, tais como a 'Actors Studio' e a 'Pygmalion'. As viagens para os Açores tornam-se frequentes. Em 1989, está em Rabo de Peixe, quando o americano Francis Ford Coppola contacta-o para participar no filme *O Padrinho III*, esse grande 'mito'; película impregnada das tramas e dos dramas da família Corleone. 'Nunca esperava tal coisa'. Desempenhou papel de Guarda Costas do Padrinho. Ao que parece, as coisas complicaram-se durante a sua rodagem. 'Nunca se sabia o que iríamos fazer no dia seguinte. Apesar de Coppola pedir a nossa colaboração, nós só tínhamos fragmentos do guião', relembra Carlos Miranda. Em *O Padrinho III*, gravado nos EUA e em Itália, teve a rara oportunidade de contracenar



período de transição de *O Padrinho III* para *Mau Tempo no Canal* foi muito curto. A língua portuguesa, que agora domina melhor, na altura, fez com que não tivesse a compreensão total da história, em especial, da personagem [Roberto]. Terminada a rodagem de *Mau Tempo no Canal*, feita nas Ilhas do Faial e em São Miguel, em Nova York, no seio da CBS, tenta integrar uma série de Televisão, hipótese que não concretiza. 'Estar preso a uma personagem, durante muito tempo, fez com que perdesse oportunidades', salienta. É a imagem a ditar as suas. Contudo, não a abandona. A partir de 1997, começa por trilhar um novo caminho: em simultâneo com a seu apurado gosto cinéfilo torna-se gestor de Cinema.

Cinema é veículo de cultura

Após a morte do irmão gémeo, em 1996, retira-se para São Miguel. No ano seguinte, o Cine Solmar, da cidade de Ponta Delgada, oferece-lhe a sua gestão. Carlos Miranda dá início a um trabalho que veio revolucionar a tradição local de exibição de filmes: a harmonia entre o entretenimento e o desenvolvimento cultural. Para ele, as Salas de Cinema, os

fácil, não deixo de trazer para as Salas sob a minha responsabilidade [Ponta Delgada, Ribeira Grande, Lagoa] filmes de curta circulação, de arte e de ensaio, os conhecidos de qualidade, expressão, unicamente, usada em Portugal'. A sua maior satisfação reside no facto de o cinéfilo, perante um filme desse teor, 'sai dele muito mais enriquecido do que entrou'. É uma filosofia de gestão cujo princípio remete para um enriquecimento da sociedade também através do Cinema. 'O Cinema ajuda a instruir. Faço, por exemplo, sessões para escolas. Com ele partilhamos impressões. Considero isso importante para o desenvolvimento intelectual e cultural das pessoas'.

Ribeira Grande: terra onde o mar cheira mesmo a mar

Carlos Miranda vive na cidade de Ponta Delgada. Contudo, tem sempre no coração a terra que o viu nascer. É deveras um optimista quanto ao evoluir do Norte da Ilha de São Miguel. 'Sinto-me muito orgulhoso em ser de Rabo de Peixe, freguesia que considero lindíssima. Porém, fico triste pelo facto de ela ainda não ter tido a atenção que merece. Rabo de Peixe não é uma batalha perdida, como, ao que parece, se

identidade cultural da Ribeira Grande'. De facto, uma ideia muito *sui generis* a mostrar que o Concelho não é um corpo retalhado em pequenas comunidades a reivindicarem superioridade entre si. Já a cidade de Ribeira Grande, 'uma terra onde o mar cheira mesmo a mar', dada a grande macrocefalia de Ponta Delgada, vê-a 'como que uma cidade residencial'. No entanto, segundo o ex-actor, ela 'tem possibilidades de ser uma autêntica cidade pelos seus próprios méritos; isto é, tem potencial, porém, ainda lhe faltam muitas coisas, entre as quais estruturas turísticas'.

Firme em honrar os seus compromissos, Carlos Miranda não vislumbra a possibilidade de regressar ao rodopio do mundo da moda nem tão pouco à magia dos ecrãs. Entretanto, prefere dar a conhecer o Cinema, esse mundo fascinante que, ao pode parecer, lhe vem na alma desde os seus dias de menino.

(1) A entrevista com Carlos Miranda teve lugar no dia 09 de Janeiro de 2002, no seu local de trabalho, edifício Solmar, Ponta Delgada. O seu

Irmãos Miranda em *Crónica de Uma Morte Anunciada*



Depois dos filmes encontrávamo-nos nos cantos das ruas a discutir, independentemente de termos ou não acompanhado as legendas. No entanto, acedíamos às histórias'. Relembra também os Cinemas Ambulantes que 'iam de escola em escola'. Foi o seu rito de iniciação ao Cinema, cujo cerne, para além da componente social que, necessariamente, implica, possibilita o sonhar. Numa Ilha, terrivelmente, fechada, muitas vezes, inchada de cinzento, numa freguesia dividida entre

é convidado para participar no filme *Crónica de Uma Morte Anunciada*, do italiano Francesco Rosi, história sobre um crime recheado de enigmas, rodado numa aldeia da Colômbia amazónica. 'No universo da imagem [de que o manequim é um excelso exemplo], a cara reveste-se de utilidade, para um ou outro papel, daí o convite'. Teve que quebrar com a sua imagem produto do mundo da moda, já que a sua personagem, um dos gémeos, Pablo, exigia atributos de 'pessoa simples, católica e rústica'. Opta por

com um grande nome do cinema: Al Pacino. Pessoa, diz ele, 'muito privada', no entanto, 'extremamente aberta no âmbito do trabalho'. No ano de 1990, em fase final da rodagem de *O Padrinho III*, a RTP-Açores convida-o para actuar em *Mau Tempo no Canal*, essa saga açórica, realização do açoreano Zeca Medeiros. Experiência não muito profícua, já que, recorda, 'podia ter dado muito mais ao personagem e, inclusive, ao seu realizador'. 'Infelizmente, houve falhas de preparação. O

verdadeiros veículos da magia cinematográfica (estão sempre além das novas tecnologias da imagem), devem estar abertas todos os dias, inclusive, no dia Natal e no dia do Ano Novo. 'Devemos oferecer ao público a oportunidade de vir ao cinema quando bem entender e nunca o restringir. O Cinema deve ser uma questão de habitação. O entretenimento é legítimo. Mas não só. O Cinema é também uma expressão da sociedade em todos os seus domínios. Apesar dos lucros em redor do chamado filme

faz crer'. É defensor da ideia de que até 'poderá ajudar' a sua terra natal 'através do Cinema'. Situação para a Autarquia pensar. Por que não reactivar uma casa de Cinema em Rabo de Peixe? Por outro lado, alarga o seu optimismo ao prognosticar que 'Rabo de Peixe e a Ribeira Grande vão evoluir no sentido da aproximação'. É a futura metrópole no histórico triângulo de ouro da Ilha do Velho Arcajo. Inclusive, Carlos Miranda insiste no facto de não se poder 'desmembrar Rabo de Peixe da

percurso é inseparável do do seu irmão gémeo, Rogério Miranda, até à morte deste no ano de 1996, momento que considera ter sido o 'virar de uma página'.

Aos Novos

Dr. Gaspar Fructuoso (II)



O que pudemos, até agora afirmar e abonar da figura ímpar do dr. Gaspar Fructuoso, rebuscando as fontes dispersas do seu tempo de pastor de almas e a Igreja que altamente serviu, ficará muito aquém do que ele, magistralmente soube dizer de nós todos, nas suas e já muito nossas *Saudades da Terra*.

Nunca a Ribeira Grande, atravessando mesmo tanta turbulência política, jamais o esqueceu. O Cortejo de Oferendas que serpenteou as ruas da nossa antiga Vila, em 21 de Abril de 1951, proclamou bem alto, no carro alegórico da Câmara Municipal, exibindo um velho que ostentava um grande livro aberto, onde se podia ler: Foi aqui que Gaspar Fructuoso escreveu as *Saudades da Terra*.

Com algumas considerações que dirijo aos novos, com este despretensioso trabalho, incuto-lhes coragem para superarem a tentação de subestimar a nossa história.

Os de lá do Atlântico, não esquecerem as suas raízes e, numa semana de comemorações, festejem 250 anos de emigração açoriana. A nossa deputação levou ao Brasil, a Santa Catarina e ao Rio Grande do Sul, a saudade para os que não esqueceram que 1,5 milhões naquelas paragens, são descendentes destas ilhas, momento das centrais. Ainda me lembro, pelos anos 30, um pouco mais talvez, dois colegas meus, um do Corvo e o outro das Doze Ribeiras, deixarem o Seminário, demandando o Brasil, aonde

familiares os chamaram.

Se nos orgulharmos da nossa história, do nosso património arquitectónico, cultural, etnográfico, folclórico, até alguns o estampando na fauna e na flora, devermo-lo aos que nos precederam.

E assim para desenvolver este trabalho, estou a recorrer à História popular dos Papas de Chantrel, por sinal aprovada e recomendada por alguns prelados, incluindo o então de Angra e como não podia deixar de ser, pela "Diocese de Angra na História dos seus Prelados" da autoria do meu saudoso professor, cónego José Augusto Pereira, trabalho que D. Manuel Martins, bispo resignatário de Setúbal, considerou obra preciosa, dada à estampa em 1954, no 5.º Centenário do povoamento da Ilha Terceira. Deste mesmo autor, é o livro raro - *Padres Açoreanos* - editado em 1939 e que abre precisamente o II capítulo - Sacerdotes Publicistas - com o dr. Gaspar Fructuoso. Conquanto não seja o primeiro na ordem cronológica, diz o seu autor, foi-o incontestavelmente na ordem de valor.

Nascer em Ponta Delgada, em 1522, sendo seus pais, Fructuoso Dias e D. Izabel Fernandes. Quando Jovem, debruço-me sobre *Padres Açoreanos*, "o pai mandou-o tomar conta dos trabalhadores que arroteavam as terras que lhe haviam sido dadas sesmarias; ele porém, entretinha-se constantemente com os livros e não olhava pelos homens. Enfadado com isto, o pai repreendeu-o e, em vista dele se não adaptar à lavoura, mandou-o estudar para Salamanca". Aqui se pode aplicar, para recreio dos novos, o que Frei Luís de Sousa, no século se chamara Manuel de Sousa Coutinho, ao descrever a Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, o santo arcebispo de Braga que o Papa beatificou a 4 de Novembro, p.p., nos elucida magistralmente: "Dura Juris-

dição, por não dizer tirania, exercitam hoje muitos pais, sobre as condições e natureza dos filhos. Em nascendo, já fazem a um clérigo, a outro frade, a outro soldado, de espreitar a inclinação e geito que cada um tem para as coisas não há tratar. Assim fica mau letrado o que fora bom sapateiro e não é bom soldado o que fora bom religioso".

Quando começou a paroquiar a Matriz da Ribeira Grande, mandou bordar a fio d'ouro, no frontal da capela-mor, no lado esquerdo, um arado, com este dizer: "se sobera" e no lado direito, um livro a dizer: "não sobera", referência ao sucedido na sua mocidade.

Com efeito, formou-se na Universidade de Salamanca, empório da ciência das Artes e Teologia, era considerado pelos seus contemporâneos, "el grande sabio de las islas de portugal" e de facto, foi um grande embaixador da Nação Portuguesa. No século em que viveu, registaram-se grandes acontecimentos que marcaram a cristandade. Ainda se deu conta dos destroços que, pelo norte da Europa e mesmo nas centrais, deixou a Reforma e teve a consolação de ver raiar a Contra-Reforma.

O pontificado de Paulo III marcou a Igreja. Abre o Concílio de Trento em 1534, embora se concluisse no pontificado de Pio IV, sendo a representação portuguesa bastante dignificante e dela fez parte D. Frei Bartolomeu dos Mártires.

É Paulo III que cria a diocese de Angra em 3 de Novembro de 1534 e este que oferece a Imagem do Senhor Santo Cristo, no passo do Ecce Homo, a duas religiosas que foram a Roma impetrar Bula Apostólica para fundar o convento da Caloura, segundo escreve o Padre José Clemente, em primeira edição de 1763, da Vida da Venerável Madre Teresa da Anunciada. A vinda do dr. Gaspar Fructuoso, depois de formado, para os Açores, ficou a dever-se ao quarto bispo que governou a diocese, de 1564 a

1567, D. Manuel de Almada que, sendo informado dos altos serviços que aquele clérigo prestara ao bispo de Bragança, D. Julião d'Alva, chamou-o para nomeá-lo seu vigário geral ou mesmo para bispo de Angra, renunciando a mitra a seu favor. Este bispo não chegou a vir à diocese mas o dr. Gaspar Fructuoso, não aceitou nem um cargo nem outro, contentando-se com a vigaria da Matriz da Ribeira Grande, importante já para a época, pois em 1538, o vigário Frei Manuel Rodrigues Pereira, é nomeado ouvidor da Ilha de São Miguel e visitador da diocese e em 1595, o licenciado Manuel de Brito, exerce aqueles mesmos cargos.

Foi ainda no breve episcopado de D. Manuel de Almada que os decretos do concílio de Trento foram publicados e executados na diocese, assinalados por uma autêntica renovação dos fiéis, realfirmou-se e consolidou-se a fé, combateram-se abusos, reprimiram-se maus costumes, fundaram-se no reino os primeiros seminários e obrigaram-se os clérigos à residência nas paróquias e diocese de que tinham posse. É uma determinante do concílio de Trento que as igrejas principais se provessem de cadeiras de Teologia, dando-se a instrução que se devia dar ao povo catão e daqui, a presença nas catedrais de um cónego teologal.

Damos um salto neste trabalho, pois o assunto se prende com a nomeação por D. António Augusto, de 1925 a 1929, na cadeira episcopal de Angra, de um cónego teologal, dr. José Moniz Pacheco Bettencourt, natural de Fenais da Ajuda, para a seguir à missa conventual, fazer no púlbite da sé uma conferência, explanando o catecismo de Trento, de forma sensível e acessível a todos!

E agora, mais uma lição para os novos:

Aquele prelado que era um intelectual, mas possuindo o sentido da vida real, mandou que ao nomeado fosse atribuída a

côngrua de uma dignidade com a modesta subvenção de 20800 reis insularos, por cada conferência que fizesse, não tendo direito à subvenção quando deixasse de a fazer, qualquer que fosse o motivo da falta. Quis transcrever este facto, para apreciarmos hoje, o escrúpulo e a dignidade com que o superior atribuía os fundos do culto que não eram seus, cabendo-lhe só a administração. Na Contra-Reforma, teve papel decisivo e marcante, a companhia de Jesus de Santo Inácio. Pelo seu proselitismo, foi sempre a vanguarda da Igreja nas lutas, iniciativas e ensino. O dr. Gaspar Fructuoso viu a sua instalação nos Açores onde fundaram magníficos colégios nas antigas capitais dos distritos e que ainda hoje se podem admirar pela sua grandeza.

O que o país sofreu com a retirada da companhia, com o furor pombalino e depois com os iluminados da República!

E são estes homens que conti-



nuam hoje, a sua acção benéfica por toda a parte. A voz portugalense de 10 de Outubro p.p., noticiou que os Jesuítas edificaram um centro de formação em Angola e um semanário Lisboa de 22 de Janeiro último, noticiou que o Jesuíta Padre Coyne, director do Observatório Astronómico do Vaticano, admite vida extraterrestre! A Igreja acompanhou sempre a ciência. O dr. Gaspar Fructuoso, padre historiador, debruçado sobre o seu mundo, além da sua vasta erudição, era duma virtude extraordinária, chegando a tratar-se da sua beatificação, como se nota em *Padres Açoreanos*.

Foi um dos nossos confessores da nossa conterrânea, Venerável Margarida de Chaves e o bispo de Angra, D. Manuel de Gouveia, mandou-lhe continuar o processo da aludida Venerável.

Faleceu a 24 de Agosto de 1591 no infelizmente demolido Passal dos Vigários da Matriz, tendo ainda celebrado missa naquele dia. Casualmente estava de visita na Vila, o bispo D. Manuel de Gouveia que ordenou que o corpo do dr. Gaspar Fructuoso fosse sepultado na capela-mor da sua Igreja, em frente aos degraus do altar, do lado do Evangelho e depois, em correspondência com este túmulo do lado da epístola, foi sepultado o licenciado Francisco Afonso de Chaves e Melo que também foi vigário daquela Matriz.

Uma lápide sobre o túmulo do dr. Gaspar Fructuoso, foi mandada gravar por D. Manuel de Gouveia: *Aqui jaz o dr. Gaspar Fructuoso que foi vigário e pregador desta igreja, vere varão apostólico, insigne em letras e virtudes*. Em 1866, foram as suas cinzas trasladadas para o cemitério da Vila, por deliberação camarária, ostentando um resumo da sua vida.

Como asceta e místico, escreveu as *Saudades do Céu* que se perderam, assim como 16 manuscritos sobre Teologia e Mística que igualmente desapareceram.

Volvidos pouco mais de quatrocentos anos após a sua morte, podemos certamente constatar que a memória do dr. Gaspar Fructuoso, permanece incólume na Ribeira Grande, como pai da história açoriana, na toponímia da Jovem cidade nortenha, no mausoléu no cemitério de Nossa Senhora da Estrela, na sua estátua junto à Igreja Matriz que - apostolicamente - serviu e ainda ficará bem anotada na reconstrução do Passal dos Vigários da Matriz que aguardamos dentro de uma possível brevidade.

Padre António Rocha

O potencial económico da Ribeira Grande

joao@notes.uac.pt



O potencial económico de um país ou região mede-se, de um modo geral, pelo seu volume do Produto Interno Bruto (PIB). Este indicador resulta, de forma mais ou menos simples, do somatório do valor acrescentado bruto das diversas empresas que operam nesse espaço económico. Neste artigo pretendo analisar o potencial económico dos diversos concelhos da ilha de S. Miguel, dando especial ênfase ao concelho da Ribeira Grande.

No final de 1999, tinham sede no concelho da Ribeira Grande 1.904 empresas, das quais 1.749 eram empresas em nome individual e 155

eram sociedades. De facto, predominam no concelho, tal como no resto da Região, empresas de pequena dimensão, onde a figura do empresário se confunde normalmente com a figura de gestor. O cariz familiar de muitas empresas impede uma clara divisão entre os seus rendimentos e os rendimentos dos proprietários. Mesmo as sociedades (predominantemente sociedades por quotas) têm poucos empregados e volumes de capital social que raramente ultrapassam o mínimo legal. As empresas com sede no concelho da Ribeira Grande representavam 19% do total de S. Miguel, claramente acima de concelhos como a Lagoa ou Vila Franca do Campo. No concelho de Ponta Delgada tinham sede 5.170 empresas, o que representava 52% do total de S. Miguel. Daqui resulta a clara predominância económica do concelho de

Ponta Delgada, embora a Ribeira Grande assumia também uma situação de liderança em relação aos restantes concelhos de S. Miguel.

Quando se analisa o número de sociedades, o concelho de Ponta Delgada reforça a sua importância. Das 1.365 sociedades existentes em S. Miguel no final de 1999, mais de 75% tinham sede no maior concelho da ilha, seguindo-se a Ribeira Grande com apenas 11% das sociedades. Esta situação não é de estranhar se pensarmos que Ponta Delgada é um pólo aglutinador de empresas de serviços, que normalmente assumem a forma de sociedade por quotas ou anónima.

(continua na página III)

visite-nos

Ilha Porto Formoso

Jardins Panorâmicos
Fábrica de Chá
Espaço Museológico
Sala de Chá e Loja

Nortadas

nortadas@mail.pt

Sair da Cova e encomendar o Caixão

Um amigo socialista, nosso leitor atento, saiu-se com esta: a escolha das sedes de campanha ditou a sorte do PS nas autárquicas! Ficou tudo boquiaberto. Vejam lá. Primeiro, diz-nos ele, foi a sede que caiu na Cova do edifício seiscentista que desabou em plena pré-campanha; segundo, foi a desastrosa transferência para o local da antiga tenda de Mestre Araújo, o mais famoso construtor local de caixões. Estava-se mesmo a ver que, rematou ele maliciosamente, foi sair da Cova e encomendar o Caixão!

Eu fecho o jornal!

E nós, transidos de medo, a tremer como canas da Mãe d'Água, estamos abertos e abertos ficaremos enquanto o povo da Ribeira Grande o desejar.

Adaptação radiofónica: só!

Quem pensa o contrário não é sério, insinua calúnias e lança boatos. Tratou-se de um simples e inócuo reajustamento radiofónico, ainda que as primeiras entrevistas tivessem sido já gravadas. Quem será?

Escola da Matriz para as calendas gregas

Em Dezembro, o nosso jornal, em Editorial, interpelou as várias entidades envolvidas, mas ainda não nos deram, nem decerto nos darão cavaco: simples distração. Sabemos porém que a verba inicialmente prevista foi cortada pela Secretaria da Educação e que a autarquia ainda não fechou o negócio que tem de fechar com o proprietário do terreno onde se pretende erigir a escola. Terão de prestar contas pelo atraso aos pais e alunos da Cidade que frequentam as aulas em regime de desdobramento. E ao futuro, obviamente.

A sabedoria da solidariedade

A água potável, que na Maia corre dia e noite para o mar, é um desperdício e põe em risco a segurança da sua população. Pelo talude situado a escassos metros da nova ponte da Lajinha, escorrem milhares de hectolitros da canalização da nascente do Sapata. Naquele local, nos idos de 1949, como está ainda bem vivo na memória das pessoas, ocorreu uma tragédia: um desprendimento de terras, provocado pelo excesso de água nos taludes, soterrou casas e matou uma pessoa. Ainda, nas freguesias a Poente do Concelho a água escasseia. Solução: ao que sugerem na Maia, em Rabo de Peixe e no Pico da Pedra, bastaria substituir canalizações, construir depósitos nas freguesias carentes e alugar um camião-cisterna. Resultado: prevenir-se-iam derrocadas, pôr-se-ia cobro à falta crónica de água, e, não menos importante, reforçar-se-iam os laços e o sentimento de pertença ao mesmo espaço concelhio. Sábio alvitre! Se a água for própria para consumo!

Novo reforço:

Emanuel Martins

Emanuel Martins, a mais recente aquisição de peso de *A Estrela Oriental*, ex-colaborador do *Jornal de Ponta Delgada*, antepassado do *Expresso das 9*, até há pouco cronista de *O Fogo*, boletim da nossa corporação de Bombeiros Voluntários, assentará arraiais de modo regular a partir do número 11 com uma rubrica que promete vir a ser de leitura obrigatória. Guardaremos reserva, pois a surpresa, como sempre se disse e há-de dizer, é a alma do negócio.

As avessas

Os açorianos queixam-se, com razão, de que foram cruelmente tratados pelo Terreiro do Paço e pela estranha, como cidadãos de 2.ª. Mudam-se os tempos e a vítima transforma-se em algoz, pois ultimamente, por actos e omissões, temos vindo a querer tratar os que nos vêm ajudar como cidadãos de 2.ª. Para NÓS, exige-se da República e da União Europeia discriminação positiva, quotas especiais para isso e para aquilo, para os OUTROS, creio que à revelia da lei e dos mais elementares deveres de hospitalidade, impõe-se à Região discriminação negativa, vão-se embora que nos estão a roubar o trabalho! Que diríamos se a República e a União Europeia resolvessem acabar com a discriminação positiva? Já nos esquecemos de que somos um povo de emigrantes?

A arqueologia de costas largas paga as favas!

Então onde foram inventar o insulto de que a construção do Tribunal da Ribeira Grande foi emperrada, tal qual, segundo o *Açoriano Oriental*, de 06.02.2002, pela arqueologia?

Senhor Martins, 'enfiámos o barrete!'

Vindo no *Correio dos Açores*, 05.02.02, um tal Senhor Martins, que não tínhamos a honra de conhecer, corrige-nos com subtil e científica precisão as coordenadas da localização do Novo Quartel dos Bombeiros, tão exactas que nem, ao que consta, alguns dos seus responsáveis as conheciam. O Rego da Água, senhores!, cai em terrenos da freguesia da Conceição, não nos da Ribeira Seca. Foi por um triz que nos safámos de uma trágica guerra fronteiriça. Obrigado. Valha-nos o Senhor Padre Cura!

Largo 'East Providence'

Antigo bairro do Curral, paredes meias com o Alabote, considerado pelo GR de Interesse Turístico Regional, a meio do percurso da futura Via Litoral, está segundo a justa indignação de muitos dos nossos leitores transformado em estaleiro de máquinas agrícolas e depósito de lenha. Quem põe cobro a este abuso?

Sumidouro!

Quem se queira sumir, desaparecer da face do mundo, ir desta para a melhor, dirija-se a um sumidouro a céu aberto no Largo do Moinho da Areia. Crianças inclusive.

Parabéns pelo sintético

Ao Clube Desportivo de Rabo de Peixe nas pessoas do seu Presidente, Jaime Vieira, do treinador José Henriques Botelho e ao capitão 'Ganeira', um valoroso 'craque' que por amor à terra e à bola, gabou-te a coragem, ainda não pendurou as botas. Enquanto não se completa o arrelvamento sintético, trata como teu o Campo da Ribeirinha. E, se Deus quiser, torceremos pelo Desportivo quando defrontar o Boavista!

Eduardo Jorge Brum: um outro 'craque'

Caro Eduardo, Rabo de Peixe, o passo em frente, um excelente trabalho cuja paternidade não declaras, é a melhor caracterização sócio-económico e cultural feita até hoje sobre a tua/nossa laboriosa e próspera terra. Desafio-te a fazê-lo para o resto do Concelho. Parabéns. Que digas que só o teu/nosso *Expresso das 9* realça o enorme potencial da tua/nossa freguesia, esquecendo-te de que, talvez por lapso?, o nosso/teu *A Estrela Oriental*, a uma escala ínfima, também o faz e fará com muito orgulho, não podemos concordar, como sabes.

Capital do Norte

'Vocês têm que pôr em tudo o que é sítio do nosso jornal: Ribeira Grande, Capital do Norte'. Adivinhem quem o disse?

A um amigo da onça!

Só não cortaremos relações se nos convidar também para a sua mesa, a exemplo do que fez e faz com os nossos colegas da comunicação social de Ponta Delgada. Aceitamos lugar na sua lauta mesa das Caldeiras, lá para Agosto.

Comércio tradicional

Comerciantes da Ribeira Grande, Cidade e Concelho, queixam-se, não sem razão, de que certos clientes importantes e endinheirados fazem como fazia Frei Tomás: apregoam as delícias do comércio tradicional local mas preferem fazer compras noutras paragens. Será por ser mais chique?

Dica para o trânsito

Querem passar o trânsito do sentido Poente/Nascente das ruas Adolfo Coutinho Medeiros/São Francisco para o prolongamento da rua do Estrela? Basta retirar a prioridade aos veículos que circulam de Poente para Nascente. Disse-nos um amigo albicastrense.

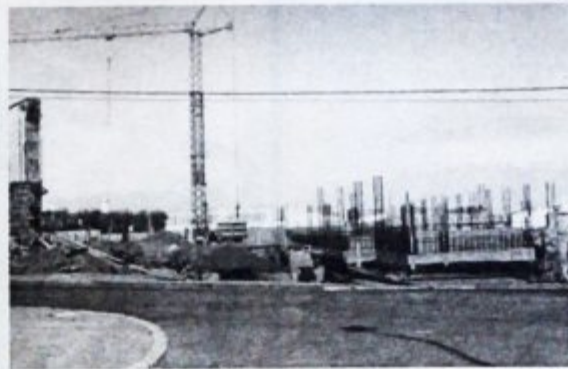
Não tínhamos que ser citados!

Claro, um jornal, seja ele qual for, o *Público* ou o *Diário dos Açores*, não tem por obrigação, ou dever deontológico, onde já se viu isso!, citar trabalho que em parte ou na totalidade aproveitou de outro. Muito menos quando o outro for uma folhinha local. Era cá uma trabalhadeira e seria dar importância a quem não a tem nem deve ter!

Destaque

Palácio de Justiça de Ribeira Grande: 'a união faz a força'

Perdem-se na confusão dos tempos o tempo e as peripécias da concretização desta justa aspiração dos ribeiragrândenses, agora com dois Juízos, todavia, sem o concurso do Sr. Ministro da República, do Presidente da Câmara Municipal de Ribeira Grande, Santa Casa de Misericórdia, de representantes de magistrados e de muitos outros, não teríamos tido o júbilo e a dita de ler no *Diário da República*, I Série, de 27 de Dezembro último, as verbas atribuídas para a construção daquela infra-estrutura. É uma lição exemplar. Porém, dado que o Governo e o Ministério que o votou, Dr. António Costa, a quem agradecemos penhoradamente, caiu, não se deve abrandar a vigilância. Até à inauguração, oxalá que não, poderá ainda haver muitos mais percalços.



Ildeberto Raposo de Medeiros: 'querer é poder'

Deu início no mês de Janeiro, após uma Via Sacra dolorosa de burocracias cegas e surdas, um Calvário que durou meia dúzia de anos, as obras de construção do nosso primeiro Hotel, o designado Apart-Hotel Vale do Sossego, sito à rua Antero de Quental, da iniciativa do corajoso empresário, Ildeberto Medeiros, prevendo-se a sua conclusão para daqui a um ano. Todos os investimentos nesta área são urgentes e estratégicos, a não ser que queiramos ser o dormitório do Sul. É também a prova de que a iniciativa privada local, quase sem as tetas públicas, como sempre ao longo dos nossos cinco séculos de construção e de reconstrução comunitária, contra ventos e marés, quase sem apoio de ninguém, obedecendo às normais regras do bom-gosto e da preservação do nosso património tanto natural como cultural, é o motor de desenvolvimento da nossa Cidade, do Concelho e de todo o Norte da ilha. Este será o primeiro de outros empreendimentos que felizmente em breve verão a luz do dia, como será o caso dos do dinâmico empresário Albano Vieira. Que a Autarquia e o Governo Regional, ao menos, não criem dificuldades desnecessárias.

Cerrar fileiras: o encalhe do Instituto Politécnico

A obtenção da concessão do Alvará do nosso Instituto Politécnico, que, conforme o *Correio dos Açores*, de 10 de Janeiro último, cuja lícita e justa pretensão, de acordo com as diligências dos deputados açorianos à Assembleia da República, PSD, Mota Amaral e Joaquim Pontes, Deus lhes dê a paga, como se diz, desconhecemos a posição dos do PS, Prof. Doutor José Medeiros Ferreira, Prof. Doutor Fagundes Duarte e Dr. Isabel Barata, devido à dissolução da Assembleia e da convocação de eleições antecipadas, se encontra 'em banho Maria'. É preciso cerrar fileiras.

Casa do Povo da Ribeira Grande: prata que dá ouro

As equipas de Voleibol feminino da Casa do Povo de Ribeira Grande continuam a dar que falar. Em Janeiro último, as equipas de Juniores e Seniores acabaram por vencer os respectivos Campeonatos da Ilha de São Miguel.



Segue-se, para ambas, tentar vencer os Campeonatos Regionais, sendo que o grupo Sénior, a tornar-se vencedor regional, depois de disputada a devida prova de acesso, pretende alcançar a Divisão Nacional A2 da modalidade, o que muito honrará o Concelho de Ribeira Grande. Será o culminar de um trabalho de alguns anos, o qual não se restringe aqueles dois escalões. A Casa de Povo de Ribeira Grande, com o seu dinâmico Presidente, Senhor Albano Garcia, tem apostado forte em todos os escalões. Para além dos dois já apontados, também se trabalha com equipas de Minis e Iniciados. Reina o optimismo quanto à possibilidade dos mesmos vencerem os Campeonatos de Ilha em decurso. Incentivando a prática de voleibol junto de 60 atletas, todas elas amadoras e prata da casa, onde o trabalho de Nelson Reis, Ricardo Rodrigues e Sérgio Torró se tem mostrado de grande qualidade, poder-se-á afirmar que a Casa do Povo de Ribeira Grande, qual poder alquímico, tem a capacidade de transformar prata em ouro.



Aniversário da Mãe d'Água, Cooperativa Cultural, CRL

Os membros da Mãe d'Água, Cooperativa Cultural, CRL, proprietária do nosso jornal, excepto um que ficou retido na cama com um incómodo resfriado, festejaram o seu primeiro ano de actividade na rua a cantar a plenos pulmões às Estrelas, com muitos 'calzinhos' de abafado. A todos os cooperantes e a todos os que conosco colaboram parabéns e muito obrigado!



Crónica Mal-Humorada

Corpos do outro mundo



Ouvi na RTP uma senhora muito jovem dizer que uma pessoa quando morre incarna em outro corpo. Como os japoneses, que certamente por isso é que são tantos, e fazem o haraquiri por dá cá aquela palha. Mas já a mesma crença tinham os albigenses, o que, para além de outras razões, levou os

não crentes na metempsicose a transferir-lhes as almas de domicílio corporal, aviando-os o mais depressa possível desta para melhor, ou para pior, segundo a opinião da dita moça. É que, afinal de contas, e como acreditavam os defuntíssimos albigenses enquanto foram vivos, a gente vai mudando de corpo para pagar, com o seguinte, os pecados do anterior. Assim, explicou ela, quem é vítima de roubos frequentes nesta vida é porque foi ladrão em outra, e está deste modo a expiar os seus crimes. Nem mais nem menos. Por mim, devo ter sido gatuno de bibliotecas, pois tenho uns quantos livros levados a título de empréstimo de que nunca mais soube o paradeiro. Essa coisa de metempsicose pode mesmo provocar consequências desastrosas. Como a do indiano que tinha um vizinho daqueles que são piores que uma pingueira. Ora aconteceu que o vizinho morreu à mesma hora em que nascia um pobre burro. Má peça que era, o outro convenceu-se que ele incarnara no jumento, porque, nessa história da transmigração das almas, os indianos ainda são piores do que os albigenses: a gente pode mesmo ir para burro ou para galinha, por exemplo. Então o homem, para se vingar das tropelias do defunto, comprou o desgraçado asno, só para lhe dar, todos os dias, uma carga de porrada de fazer dó às galinhas.

A ser verdade o que acredita a tal menina, pode pensar-se que bastou ter havido um português ditador de um reino africano ou asiático no século XIX, para Deus nosso Senhor lhe dar como castigo o Salazar durante outro tanto tempo no século XX. E, desse modo, acabamos todos levando por tabela a punição que se destinaria a um somente.

(A propósito: quem é o socialista ribeiragrandense que, em outra encarnação foi presidente de Câmara?...)

Daniel de Sá



Arte renovada



Nem Romeu, nem Julieta



Modelo

**Custa Pouco
Viver Melhor**

Ponta Delgada - Horta - Angra do Heroísmo - Praia da Vitória - Ribeira Grande



Coordenação: Filomena Moura, Gisela Correia e Carina Sousa

Editorial

Olá amiguinhos! Estamos de volta! Sabias que ao longo do ano passamos por quatro estações? Agora, no dia 21 de Março, chega a Primavera, a mais bonita das estações. Não achas? Os passarinhos começam a cantar, as flores a desabrochar e o Sol a aquecer-nos...

A propósito, uma das principais fontes de oxigénio é as árvores, por isso, cabe a ti preservar e cuidar delas. Além disso, as árvores também nos dão o papel para escrevermos e desenharmos. Quanto mais papel consumirmos, mais árvores são abatidas, logo, convém que todos nós saibamos aproveitar e reciclar o papel. Com esta tua atitude estarás a contribuir para a preservação da Natureza.

Até breve e diverte-te com os nossos passatempos!



Chegou a Primavera

Hoje é um dia importante. Chegou a Primavera, A prima das flores, E todos se vestiram de novo para a receber. E ela ficou tão contente!... Sorriu para as aves E encheu-se de flores. Sorriu para os campos E encheu-se de verde. Sorriu para os meninos E encheu-se de alegria. E os meninos Vestiram-se de malmequer, Voaram com as borboletas, Cantaram com os rouxinóis e Juntos, de mãos dadas, Levaram a Primavera A todas as coisas.

Raquel Delgado

A Árvore

De árvore em árvore, Os passarinhos vão cantando, A todos vêm dizer Que a Primavera está chegando. De braços bem abertos, a árvore Recebe os raios de sol e os ninhos, Cheios de lindos ovinhos.

Na brisa da manhã, a árvore Desperta as suas folhas verdejantes, Tudo vem alegrar, e os campos enfeitar!

Sara Sofia Silva Horta (9 anos) Ano lectivo 2000/01 Prof. Gabriela Rego



Mal me quer, bem me quer

Mal me quer, bem me quer Conto eu no meu jardim, Debaixo de uma árvore Ao pé de um alecrim.

Mal me quer, bem me quer Conto eu numa aldeia, Perto dos animais Bem longe da cadeia.

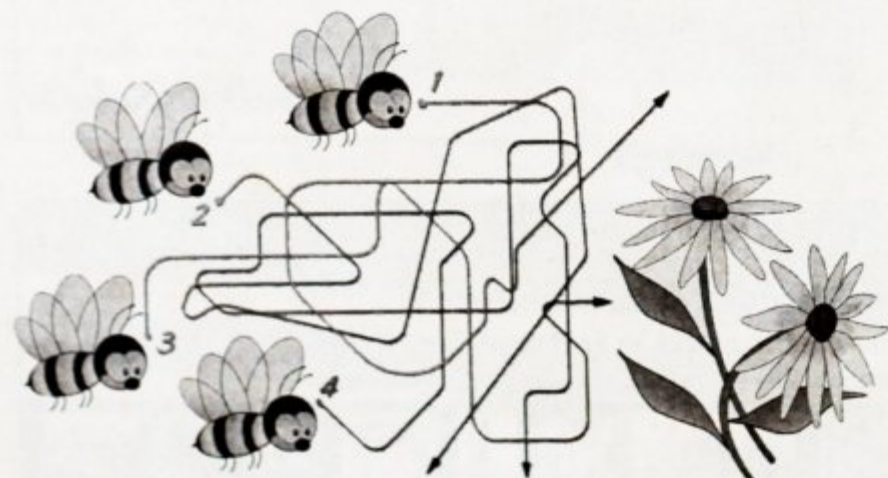
Mal me quer, bem me quer Conto eu numa praia A olhar para um golfinho À sombra de uma Faia.

Mal me quer, bem me quer Conto eu numa cidade, Se me quer ou não me quer Não sei se é verdade.

Sofia Borges Livro Alvares de Noronha Ribeira Grande, 12 de Março de 2000 (9 anos)

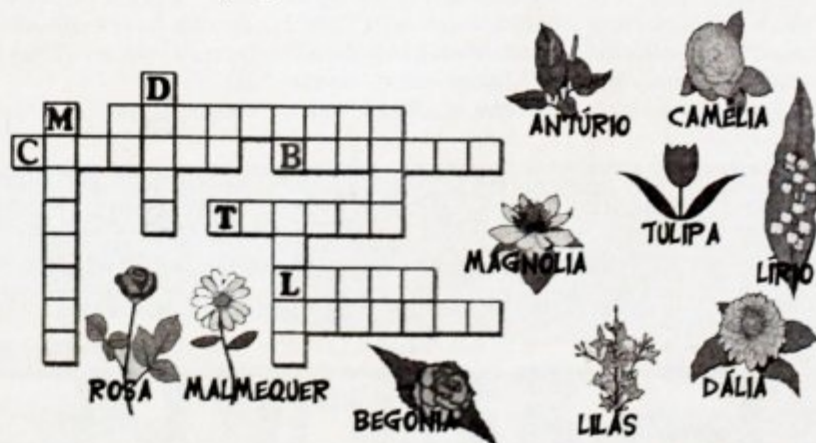


Uma das abelhas vai chegar às flores. Qual delas é?



Passatempos

Preenche os espaços com o nome das flores.



Desporto

Judo

Tsukinami Shiai em Ribeira Grande



No passado dia 25 de Janeiro, dentro de uma nova dinâmica, a Associação de Judo do Arquipélago dos Açores levou a efeito um Tsukinami Shiai, no ginásio

da Escola Secundária da Ribeira Grande. Este evento desportivo contou com a participação de um largo número de atletas das classes mais jovens, com idades compreendidas entre os 6 e os 14 anos, sendo estes oriundos de Ponta Delgada, Lagoa, Povoação e Ribeira Grande.

Esta prova decorreu com muito espírito marcial-competitivo, nunca faltando o civismo. Foi notável o comportamento exemplar de to-

dos os atletas sobre os Tatamis, no momento das competições, como também durante o tempo em que esperavam pela sua participação. A presença de familiares e amigos contribuiu para o grande entusiasmo dos atletas, que reinou ao longo deste encontro desportivo.

Dos 72 judocas participantes nesta prova, salientaram-se, pelo maior número de vitórias os seguintes atletas: Diogo Araújo - 8 vi-

tórias; Rui Teixeira - 8 vitórias; Rodrigo Batista - 7 vitórias e 1 empate; Júlio Pereira - 7 vitórias; Miguel Medeiros - 6 vitórias; e Sara Azad - 5 vitórias.

Na sequência da brilhante participação destes judocas, os seus responsáveis técnicos, decidiram subir as suas graduações, isto é, mudança de cinto. Parabéns pela iniciativa!

Carlos Alberto



É urgente reclamar melhores condições

(continuação da página 3)



representativos, nomeadamente dos Conselhos Directivos e Conselhos Pedagógicos que por lá foram passando. Tiveram a força dos argumentos e porfiaram para que se fizesse a ampliação e remodelação da escola e a construção do parque desportivo, sem se ter inviabilizado a construção da escola na Maia.

A Carta Escolar, sobre a qual a Secretária Regional da Educação e Cultura (SREC) pediu a opinião aos órgãos próprios até meio de Dezembro de 2001, pedido esse que não mereceu o interesse devido dos órgãos locais na Ribeira Grande, refere textualmente:

"(...) muitas das escolas construídas na década de 1980 apresentam graves deficiências de concepção e construção, o que as torna pouco funcionais e em extremo vulneráveis à degradação." (...) "Em termos globais, pode ser dito que a Região Autónoma dos Açores apresenta uma rede escolar muito heterogénea, coexistindo edifícios de grande qualidade e correctamente dimensionados com outros em avançado estado de degradação, na maior parte dos casos incorrectamente concebidos e construídos e à partida sobrelotados." A GF é anterior aos anos 80 foi adaptada de uma casa rural e os sucessivos acrescentos não têm articulação entre si, nem existem as estruturas mínimas

exigíveis. Uma escola não se pode limitar a um conjunto de espaços mal concebidos, sem condições de segurança e conforto, além de umas salas onde se dão umas aulas.

Continuando a citar a Carta Escolar: "(...) o parque escolar apresenta graves disfunções que urge corrigir: (...) sobrelotação crónica das escolas dos principais centros urbanos; (...) escolas sem as condições de segurança e conforto compatíveis com a qualidade que se pretende imprimir ao sistema educativo; (...) edifícios escolares extremamente degradados, criando condições de dignidade e funcionalidade incompatíveis com o processo educativo; e (...) escolas com uma população escolar excessiva, criando fenómenos de desumanização e de dificuldade de acompanhamento dos alunos."

A GF está conforme este diagnóstico, que seria ainda mais grave se não houvesse a "fuga clandestina" dos alunos do 3º ciclo para a Secundária e para Ponta Delgada.

O modelo proposto pela Carta Escolar é o da "integração vertical da educação pré-escolar e do ensino básico", criando as Escolas Básicas Integradas - EBI - que articulam a educação "desde a educação pré-escolar ao termo do ensino obrigatório."

Deste modo, separa o ensino secundário do ensino básico, optando pela "criação de escolas secundárias dotadas de áreas de excelência". Na reestruturação da rede que foi decidida cria-se a Escola Secundária da Ribeira Grande, obviamente só com o ensino secundário, 10º ao 12º anos,

"por transformação da EB3/S de Ribeira Grande", ficando esta com o "ensino secundário pluricurricular, ensino artístico e desporto, recebendo os alunos oriundos das EBI do concelho da Ribeira Grande". A EBI da Ribeira Grande ficará com todas as crianças dos Jardins de Infância e Escolas do 1º Ciclo de Santa Bárbara, Ribeira Seca, Conceição, Matriz e Ribeirinha e com todos os alunos dos 2º e 3º ciclos da mesma área, ou seja, cerca de 2600 crianças. Só nas actuais instalações da GF teriam de ficar cerca de 1300, contrariando o modelo proposto de "criação de escolas em que o número de alunos em cada edifício escolar não exceda os 600-700 alunos, dando, assim, cumprimento às recomendações internacionais nesta matéria".

No Plano a Médio Prazo 2001-2004 estão previstas construções escolares que viabilizam as opções tomadas, mas não é o caso da EBI da Ribeira Grande. A GF não pode continuar a ser a parente pobre da rede escolar. As condições são degradantes, tornando IMPOSSÍVEL a frequência de todas as crianças dos 2º e 3º ciclos da área atribuída à EBI da Ribeira Grande. A situação seria IRRESOLÚVEL com a passagem da escolaridade obrigatória até aos 18 anos de idade, como se prevê daqui a seis anos.

É urgente decidir a futura construção de uma nova Escola com 2º e 3º ciclos na Ribeira Seca e para que daqui a seis anos não haja tal problema é necessário pensar AGORA na sua solução.

Nesse caso passaria a haver

uma EBI abrangendo a zona das actuais escolas da Ribeirinha, Matriz e Escola Central (Conceição) com a GF e a nova abrangeria as Escolas dos Foros (Conceição) Madre Teresa (Ribeira Seca) e S. Bárbara. A situação seria IRRESOLÚVEL com a passagem da escolaridade obrigatória para 12 anos, como se prevê daqui a seis anos.

Actualmente os alunos não dispõem de instalações correctamente concebidas e construídas, com as condições de segurança e conforto compatíveis com a qualidade que se pretende imprimir ao sistema educativo, com condições de dignidade e funcionalidade compatíveis com o processo educativo causando a "desumanização e dificuldade de acompanhamento dos alunos" que a Carta Escolar diagnostica.

É quase desesperante assistir à falta de interesse que este tema merece por parte de quem conhece bem a situação. Como Pai, Professor e Autarca, lanço mais uma vez o brado que considero necessário. Tal como aconteceu com as Escolas da Maia e 3/S da Ribeira Grande é necessário que os Pais e Encarregados de Educação, Professores e Autarcas assumam a sua obrigação e tomem atitudes responsáveis, fazendo propostas oportunas e exequíveis.

Luís Noronha



Até dá gosto...

Frango de Molho Pardo

Ingredientes

- 1 frango.
- 1 limão branco, grande.
- 5 dentes de alho.
- 2 cebolas grandes
- 1 copo de vinho branco.
- 2 colheres de polpa de tomate
- 1 gema de ovo



Maneira de confeccionar

Pega-se no frango, corta-se aos bocadinhos e lava-se muito bem. Tempera-se com alho, pimenta vermelha e branca, um copo de vinho branco, um copo de água e sal q.b.. Deixa-se de molho de um dia para o outro. Rosa-se o frango, depois coloca-se sobre a destilação do mesmo duas colheres de polpa de tomate e mais pimenta branca, fazendo-se, de imediato, o tradicional refogado. Coloca-se o frango no tacho com o vinho de alhos a cozer. Pega-se numa gema de ovo, nela se desfazendo os fígados, sumo e raspa de um limão grande, polvilhando-se o frango. Acompanhe com arroz branco ou com batata frita.

Otília Botelho / Rafaela Cardoso

HERDEIROS DE AGOSTINHO FERREIRA MEDEIROS, LDA

OBRAS PÚBLICAS - CONSTRUÇÃO CIVIL

Central de Britagem >> Fábrica de Blocos e Vigas >> Materiais de Construção >> Serração de Basalto >> Granitos

Estrada Regional, Nº 3/1ª Km. 10 Boqueirões - 9600 Ribeira Grande - Tel. 296 490 160 - Fax 296 490 167



O Sofrimento de uma adolescente



Há não muito tempo havia uma rapariga, como tantas outras, que já estava na fase da adolescência. Todos nós sabemos que esta fase é extremamente crítica na vida de uma pessoa, ainda mais se acontecer alguma

coisa que nos marca negativamente. Quero-vos falar de um caso que aconteceu a uma adolescente, mas que podia acontecer a qualquer um. Júlia (nome fictício) andava na escola. Como todas as pessoas da sua idade começou a gostar de um rapaz. Uma amizade, já duradoura, acabou em namoro. No início tudo era belo para ambos, mas com o passar dos tempos as coisas iam ficando feias para a rapariga. De um momento para o outro, o rapaz tornara-se agressivo

com tudo e todos, até mesmo com a rapariga que gostava. As palavras passaram a acções, até que um dia ele bateu na Júlia. Ao ver isto, a rapariga olhou para ele, com raiva e cheia de dores na face. "Desculpa foi sem querer," disse o rapaz e ela lá perdoou-o. A partir desse dia, ele tornara-se muito carinhoso e dizia sempre que nunca mais a ia bater. Os dias iam-se passando e, numa manhã como as outras, o rapaz saiu com uns amigos e quando voltou para junto da namorada tinha os olhos

cerrados e vermelhos e à mínima coisa discutia com ela. Não aguentando com a situação, Júlia virou as costas a ele e quando se preparava para andar, aguentou-a com tanta força no braço que fizera uma grande nódoa negra. Ao ver as dores dela, deixou-a e foi-se embora. A pouco e pouco a droga estava a destruir a vida dele e também a vida de Júlia. Todos os dias, ela chegava a casa com os olhos vermelhos e inchados de chorar. Um dia, ela tomou uma decisão, iria acabar o

namoro, porque já não aguentava mais. Foi ter com ele e disse o que pensara. Ao ouvir isto, ele ameaçou-a que se ela acabasse, a vida dela nunca mais iria ter sossego e ia por todo o lado a falar mal dela. Sem saber o que fazer, ela continuou a namorar. Nunca mais sorriu e de vez em quando aparecia com uma nódoa negra. Os pais dela, ao saberem disso, choraram de raiva, porque nunca tocaram-lhe com um dedo. Rapidamente, a polícia foi avisada e só assim é que ela conseguiu

viver em paz. Júlia afastou-se dele e até hoje tem raiva dele. Nesta história, não está em causa o sentimento, mas sim o facto de como a droga pode destruir duas vidas. Agora, todo aquele tempo que a rapariga sofreu com esta situação, ficará marcado para sempre. Numa altura, em que é suposto nos divertirmos, houve alguém que sofreu.

Alexandre Gaudêncio

Um relancear sobre o Pico da Pedra



Com gente afável e educada, com bons ares, boas estruturas sociais e boa localização, próxima de tudo o que é importante sem estar no meio da confusão dos grandes centros, o Pico da Pedra é uma terra agradável para se viver. É uma freguesia diferente. Não é por acaso que os seus habitantes orgulham-se por ser a "Coimbra de S. Miguel". Gente com elevado sentido cívico e nível cultural fora do comum das freguesias rurais desta ilha. Uma freguesia de gente séria e trabalhadora, preocupada com as coisas do seu interesse geral. Uma freguesia onde o viver em democracia já existia muito antes de Abril de 74. Há histórias de Párocos e Regedores desta interessante freguesia que atestam esse sentido de vivência política. O Pico da Pedra tem sabido sempre resolver os seus problemas. Veja-se o sucesso extraordinário da Cooperativa de Habitação Pícolar. Uma arrojada iniciativa de um grupo de jovens filhos da freguesia, que já há muito ultrapassou os desígnios que a originaram sem diminuir o seu sucesso. Repare-se numa outra cooperativa, a Cooperativa de Consumo do Pico da Pedra, também fundada pela iniciativa de gente da terra e destinada ao abastecimento dos seus associados. Se mais nada houvesse a merecer elogios, o sucesso destas duas cooperativas, numa ilha por vezes tão avessa ao pagamento de iniciativas desta natureza, seria suficiente para atestar o civismo e espírito de solidariedade que caracterizam as gentes do Pico da Pedra. Repare-se também na sua Casa do Povo, na amplitude e magnitude das suas instalações; nos apoios sociais que garante quer para a Juventude

quer para a Terceira Idade e na promoção social que desenvolve. Tudo feito paulatinamente, sem alardes mas com eficácia. Repare-se no seu Salão Paroquial, erguido com o esforço do seu Pároco actual e com o contributo dos habitantes da freguesia; na formação religiosa que espalha e na promoção cívica que também desenvolve. Repare-se no seu Núcleo Museológico, recolhendo e conservando para a posteridade tudo aquilo que já caracterizou a vida sócio-económica da freguesia e gerou muito do seu bem estar de outrora. Durante muitos anos o Pico da Pedra teve a sua filarmónica - a Lira de Nossa Senhora dos Prazeres - agora adormecida pelas mesmas vicissitudes que têm feito adormecer outras filarmónicas desta região. Mas está apenas adormecida porquanto, lá de vez em quando acorda, para alegria da freguesia. É pena que a Casa do Povo, através de qualquer "maná" vindo dos sectores culturais da União Europeia, não lhe dê uma mão e a desperte para novos voos. A partir da filarmónica também se criou a "Orquestra Ligeira do Pico da Pedra", que muitos louvores tem sabido trazer para a freguesia. Um bom

visitado por gente fina de toda a ilha, especialmente de Ponta Delgada. Clientes certos, seguros e satisfeitos. Com as últimas eleições autárquicas o Pico da Pedra também ganhou uma nova Junta e Assembleia de Freguesia. Autarcas novos, quase todos filhos da terra e com raízes profundas nela. Perante o desenvolvimento da freguesia, o crescimento contínuo do seu parque habitacional e o aumento acelerado do parque automóvel local, a necessidade de novos arruamentos e a melhoria de muitos outros para que o tráfego possa fluir com mais facilidade, esses autarcas vão ter muita coisa para fazer. E, dentro da tradição da freguesia, vão mesmo fazer. Noutros aspectos, com todas as condições que tomam já o Pico da Pedra num bom local para residir; com a sua proximidade do magnífico campo de golfe da Batalha e com o futuro desenvolvimento do parque industrial de Ponta Delgada, na zona das Murtas, a escassos três quilómetros do centro da freguesia, é lógico pensar-se noutras perspectivas de desenvolvimento urbano do Pico da Pedra. É também para isto que os novos Autarcas têm de estar atentos. A freguesia



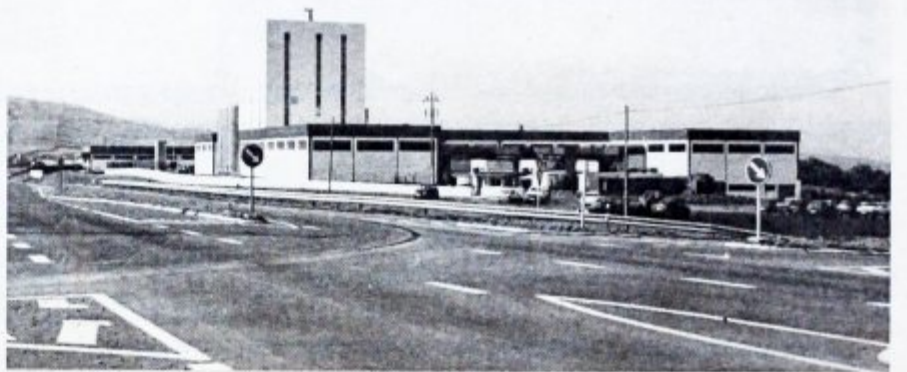
agrupamento musical que, para além do seu vasto repertório, devia também especializar-se na boa música açoriana que vai surgindo e naquela que já existe, para futuras actuações destinadas aos turistas que cada vez mais nos vão visitar. É isto apenas uma sugestão para a garantia da sua manutenção e progresso. E, perdoe-me o mestre Luís, não posso deixar de dizer isto aqui. O Pico da Pedra tem o melhor alfaiate de S. Miguel,

pode e deve continuar a crescer, mas é necessário antever atempadamente como e para onde, para que a sua harmonia urbanística não se desequilibre e não se desfaçam os bons ares que a caracterizam actualmente. Estamos certos de que a perspicácia e bom senso das pessoas do Pico da Pedra evitarão isto.

Pico da Pedra, Janeiro de 2002.
Ezequiel Moreira da Silva

O potencial económico da Ribeira Grande

(continuação da página 10)



No que se refere ao número de empregados e ao volume de negócios, é extraordinário como o fenómeno da concentração no concelho de Ponta Delgada se acentua. Dos 19.541 empregados que trabalham em sociedades na ilha de S. Miguel, 15.361 trabalham em Ponta Delgada, o que representa 79% do total de ilha. O concelho da Ribeira Grande surge a seguir com 3.074 empregados, ou seja, 16% do total. Em termos percentuais, a interpretação que se obtém do volume de negócios é idêntica. Dos cerca de 374 milhões de contos de volume de negócios das sociedades de S. Miguel, 17% dizem respeito a sociedades com sede no concelho da Ribeira Grande (65 milhões de contos) e 78% a sociedades com sede em Ponta Delgada (292 milhões de contos).

Da análise dos dados estatísticos apresentados resulta igualmente a diminuta importância económica dos concelhos do Nordeste, Povoação e Vila Franca do Campo. Por exemplo, as sociedades com sede nestes concelhos contribuem apenas com 1% para o total de volume de negócios das sociedades de S. Miguel. Embora, nesta perspectiva, estes concelhos tenham um significado reduzido, não nos podemos esquecer que são concelhos que contribuem bastante para a riqueza de outros concelhos, principalmente por via do turismo. Os turistas que durante o dia visitam as Furnas, a Povoação ou mesmo o Nordeste ficam, de um modo geral, hospedados em hotéis de Ponta Delgada e jantam em restaurantes de Ponta Delgada, o que contribui para a concentração da riqueza

no maior concelho de S. Miguel. Não há dúvidas que o concelho de Ponta Delgada assume a primazia do desenvolvimento económico de S. Miguel. No entanto, pelas suas dimensões, pelo subaproveitamento das potencialidades turísticas ainda evidente e pelo posicionamento estratégico na ilha de S. Miguel (com ligação a quase todos os restantes concelhos), o concelho da Ribeira Grande é o que apresenta maiores oportunidades de crescimento económico. Compete aos empresários e ao poder local trilhar os caminhos desse desenvolvimento.

João Teixeira

	Lagoa	Nordeste	Ponta Delgada	Povoação	Ribeira Grande	Vila Franca do Campo	S. Miguel
Empresas	9%	4%	52%	7%	19%	10%	100%
Sociedades	5%	2%	76%	2%	11%	3%	100%
Empregados nas Sociedades	3%	1%	79%	1%	16%	1%	100%
Volume de Vendas das Sociedades	2%	1%	78%	1%	17%	1%	100%

	Lagoa	Nordeste	Ponta Delgada	Povoação	Ribeira Grande	Vila Franca do Campo	S. Miguel
Nº de Empresas	893	382	5.170	663	1.904	961	9.973
Nº de Sociedades	69	23	1.039	34	155	45	1.365
Nº de Empregados nas Sociedades	494	138	15.361	182	3.074	292	19.541
Vol. Vendas das Sociedades (milhões contos)	7.307	2.522	291.554	2.226	65.149	5.401	374.159




Óleos

20% Desconto
e ainda
oferta da mudança de óleo


Nos seguinte produtos:

VISCO 2000
VISCO 3000
VISCO 7000





Melo & Melo
Deseja a todos os estimados
clientes e amigos um Feliz Natal e
um Ano Novo muito Próspero

Promoções



Pneus



P a g u e 3 l e v e 4
e ainda oferta da montagem e calibragem
para ligeiros com jantes 13 e 14 (válido até ruptura do stock)



MELO & MELO, LDA - Centro de Pneus
Todas as marcas de Pneus novos e recauchutados

ESTAÇÃO DE SERVIÇO *SELF - SERVE - LAVAGEM AUTOMÁTICA



PNEUS
REDESTAIN

MARSHAL
PNEUS



Estrada Regional da Ribeira Grande - Telef. 296.472460 - Fax. 296.477400



Álbum dos Romeiros

Organização: Mário Moura



Suplemento patrocinado por José Dâmaso & Filhas, Lda.





O Pastor e o jovem Mestre



Outro Mestre



Futuro Mestre?



Durante sensivelmente uma semana percorrem a ilha no sentido dos ponteiros do relógio...



... entoando a Ave-Maria dos Romeiros, fundindo-se com a natureza...



A penitência



O túnel



A caridade



O descanso do Romeiro



Testemunhos



Missa diária



Encontro de famílias



Oração



Despedida da noite



Oração da chegada à casa-mãe



Ofertório



Festa da chegada



Despedida: até para o ano, se Deus quiser.



O regresso

Pernoitas dos Ranchos de Romeiros / 2002

3ª Semana 02/3 a 10/3	Sábado 02/03/2002	Domingo 03/03/2002	Segunda 04/03/2002	Terça 05/03/2002	Quarta 06/03/2002	Quinta 07/03/2002	Sexta 08/03/2002	Sábado 09/03/2002
Maia	S. António Nordestinho	Lomba do Loução	Ponta Garça	Livramento	Milagres - Arrifes	Mosteiros	Rabo de Peixe	Entrada
Ponta Garça	Rosário - Lagoa	Milagres - Arrifes	Sete Cidades	Femas da Luz	Porto Formoso	Achada	Agua Retorta	Entrada
St. Bárbara - R. Grande	Femas da Ajuda	Fazenda do Nordeste	Lomba do Alcaide-Pv	Agua d'Alto	São Pedro P. Delgada	Varzea	Remédios - Bretanha	Entrada
Ribeira Quente	Agua do Pau	Fajã de Cima	Sete Cidades	São Vicente	Ribeirinha	Achadinha	Pedreira do Nordeste	Povoação
Santo António	Ribeirinha	Achadinha	Vila do Nordeste	Lomba do Loução-Pov	Vila Franca do Campo	Livramento	Candelária	Entrada
Covoada	Pilar da Bretanha	Rabo de Peixe	Lomba da Maia	Fazenda do Nordeste	Vila da Povoação	Vila Franca do Campo	São Roque	Entrada
Fajã de Baixo	Candelária	S. António - Capelas	São Bras	Achada	Pedreira do Nordeste	Lomba do Botão - Pov	Ribeira das Tainhas	Cabouco

4ª Semana 09/3 a 17/3	Sábado 09/03/2002	Domingo 10/03/2002	Segunda 11/03/2002	Terça 12/03/2002	Quarta 13/03/2002	Quinta 14/03/2002	Sexta 15/03/2002	Sábado 16/03/2002
Matriz - R. Grande		Feteira Pequena	Agua Retorta	Furnas	Agua de Pau	Saude - Arrifes	Sete Cidades	Pico da Pedra
Femas da Ajuda	Fazenda do Nordeste	Lomba do Alcaide	Ponta Garça	Cabouco	Saude - Arrifes	Pilar Bretanha	Rabo de Peixe	Entrada
Feteiras	S. Bárbara- St. António	Ribeirinha	Achadinha	Pedreira do Nordeste	Lomba do Botão - Pov	Agua d'Alto	Fajã de Baixo	Entrada
Algarvia		Lomba do Loução	Ribeira das Tainhas	Fajã de Baixo	Feteiras - Bretanha	Remédios - Bretanha	Ribeirinha	Lomba São Pedro
Vila Franca Do Campo	Fajã de Cima	Ginetes	Capelas	Porto Formoso	Feteira Pequena	Agua Retorta	Furnas	Entrada
Remédios Lb Loução	Vila Franca São Pedro	Milagres - Arrifes	Varzea	Santo António	St. Bárbara R. Grande	Lombinha da Maia	Algarvia	Agua Retorta
Achada		Agua Retorta	Ponta Garça	São Roque	Covoada	Remédios - Bretanha	Ribeira Seca	Ribeira Fundá
Capelas	Gramas - Ribeirinha	Achadinha	Vila de Nordeste	Vila da Povoação	Vila Franca do Campo	Fajã de Baixo	Candelária	Entrada
Livramento	Candelária	S. António - Capelas	Ribeirinha	Achadinha	Pedreira do Nordeste	Lomba do Botão	Ponta Garça	Entrada

5ª Semana 16/3 a 24/3	Sábado 16/03/2002	Domingo 17/03/2002	Segunda 18/03/2002	Terça 19/03/2002	Quarta 20/03/2002	Quinta 21/03/2002	Sexta 22/03/2002	Sábado 23/03/2002
Lombinha da Maia	S. António Nordestinho	Lomba do Loução	Ponta Garça	Cabouco	Milagres - Arrifes	Varzea	S. António - Capelas	Matriz - R. Grande
Povoação	Agua d'Alto	Saude dos Arrifes	Sete Cidades	S. António - Capelas	Gramas - Ribeirinha	Femas da Ajuda	Pedreira do Nordeste	Entrada
Saude - Arrifes	Ginetes	Capelas	Rib. Seca - R. Grande	Femas da Ajuda	Vila de Nordeste	Vila da Povoação	Vila Franca do Campo	Entrada
Femas da Luz	Maia	Algarvia	Agua Retorta	Furnas	Agua d'Alto	Fajã de Baixo	Candelária	Santo António
Agua d'Alto	Fajã de Cima	Feteiras	Remédios - Bretanha	St. Bárbara - R. Grande	Lomba da Maia	Lomba da Fazenda	Vila da Povoação	Entrada
Santa Clara	Mosteiros	Pico da Pedra	Lombinha da Maia	Fazenda Nordeste	Fajã da Terra	Ponta Garça	Cabouco	Entrada
Santa Cruz Lagoa	Covoada	Remédios Bretanha	Ribeirinha	Achada	Pedreira Nordeste	Lomba do Pomar-Pov	Ribeira das Tainhas	Entrada
Feteira Pequena		Lomba do Alcaide	Vila Franca do Campo	São Roque	Covoada	Remédios - Bretanha	Rib. Seca - R. Grande	Ribeira Fundá

6ª Semana 23/3 a 30/3	Sábado 23/03/2002	Domingo 24/03/2002	Segunda 25/03/2002	Terça 26/03/2002	Quarta 27/03/2002	Quinta 28/03/2002	Sexta 29/03/2002	Sábado 30/03/2002
Agua de Pau	Milagres dos Arrifes	Sete Cidades	Pico da Pedra	Maia	S. António Nordestinho	Fajã da Terra	Furnas	Entrada
Rabo de Peixe	Femas da Ajuda	Fazenda do Nordeste	Lomba do Loução	Ponta Garça	St. Cruz e Rosário- Lagoa	Covoada	Mosteiros	Entrada
Pico da Pedra	Lomba da Maia	S. António Nordestinho	Fajã da Terra	Ribeira das Tainhas	São Pedro - P. Delgada	Feteiras	Ajuda da Bretanha	Entrada
Ajuda da Bretanha	R. Seca - R. Grande	Lomba da Maia	Fazenda Nordeste	Fajã da Terra	Ponta Garça	São Roque	Feteiras	Entrada
Remédios - Bretanha	Conceição - R. Grande	Femas da Ajuda	Vila do Nordeste	Povoação	Ribeira das Tainhas	Fajã de Baixo	Candelária	Entrada
Rosário - Lagoa	Relva	Remédios - Bretanha	Ribeirinha	Achadinha	Pedreira do Nordeste	Lomba do Pomar	Ponta Garça	Entrada

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS

Servimovel

RUA do LAUREANO, Nº374 - 9500-319 PONTA DELGADA
 Telef. Nº 296 38 39 44 - fax Nº 296 38 38 35
 TELEMOVEL Nº 91 90 20 517

Deixe conosco nós tratamos de tudo